



anne bishop  
**JÓIA  
PERDIDA**

Tradução de Cristina Correia





Para

Julie E. Czerneda

e

James Alan Gardner

A mais dez anos de amizade e boas histórias.



## AGRADECIMENTOS

Os meus agradecimentos a Blair Boone por continuar a ser a minha primeira leitora, a Debra Dixon por ser a segunda leitora, a Doranna Durgin por manter o sítio da Web e por providenciar as informações sobre cachorros, a Candice Cavanaugh e a Julie Green por me ajudarem a manter a forma, a Pat Feidner simplesmente porque sim e a todos os amigos que me acompanham nesta viagem.



Caros leitores:

Nos Reinos dos Sangue, a guerra foi travada, a batalha foi ganha e o conto épico foi narrado. Porém, a vida continua, pelo que novos desafios se apresentam, disputam-se batalhas de menores dimensões e surgem outras histórias para contar.

Esta é uma delas.





## PRÓLOGO

Pousou a mão sobre a capa do seu livro mais recente, cerrou os olhos para afastar o mundo que o envolvia e saboreou esta nova realidade, ainda tão dolorosamente adocicada.

A história anterior de Landry Langston tinha sido recebida com agrado. Tinham lido a descoberta delicadamente dissimulada sobre a sua própria pessoa e compraram mais exemplares daqueles livros do que quaisquer outros.

Era um deles. Extorquido ao seu próprio legado durante tantos anos e tendo descoberto a sua verdadeira natureza fruto de um acaso, podia agora considerar-se igual a eles. Alguns — ainda que insignificantes — julgaram que era suficientemente digno para ser um mero conhecido informal pois as suas capacidades como escritor tinham-lhe trazido fama e riqueza, tinham-lhe trazido convites para festas e tertúlias que, de outra forma, seriam interditas a plebeus.

Presentemente, recebiam-no simplesmente devido ao poder que lhe corria nas veias.

Sentira-se avassalado pela descoberta e mantivera-a em segredo ao longos destes meses. Bom, era um segredo conhecido por todos, uma vez que o colocara no papel para que todos lessem. Contudo, sentia-se finalmente preparado para caminhar entre eles, para ser reconhecido por eles. Não só pelos aspirantes à sociedade, mas também pelos autênticos aristocratas. Chegara a dar o primeiro passo para indicar que apreciaria tal convite.

Estava já a ver-se à mesa, no Paço dos SaDiablo, fazendo parte de um número reduzido de convidados selectos. Divertiria os restantes convidados com histórias engraçadas e namoriscaria com a Senhora — mas não a ponto de ofender o anfitrião. Ouvira rumores acerca de um tolo que ofendera Daemon Sadi dessa forma.

Teria Sadi realmente extinguido o cérebro do homem com fogo encantado? Dava que pensar. Talvez...

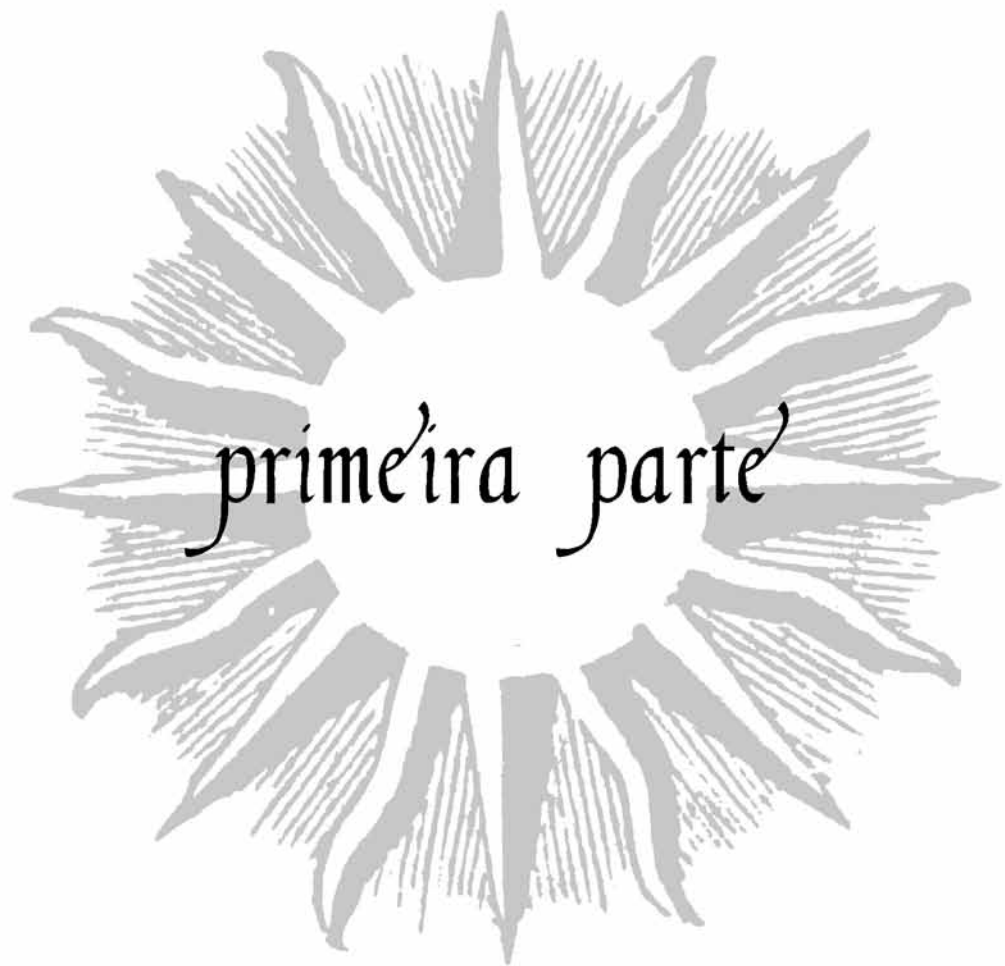
Havia tanto a aprender agora que era um deles. Tanto. E eram tantas as coisas que podia fazer, agora que já não estava subjugado à lei dos plebeus. Tantas coisas que nunca experimentara. A não ser nas histórias.

Durante muito tempo, temera sofrer de algum problema pois ansiava pela violência à qual não podia dar vazão, valendo-se das histórias. Presentemente, sabia que essa violência fazia parte da sua natureza.

Oh, sim. Agora era um deles. Um dos que caminhavam pelos Reinos em toda a glória obscura.

Deixara de ser um plebeu insignificante, agrilhado às regras de terceiros.

Era Sangue.



*primeira parte*



## UM

— Fogo do Inferno.

Surreal SaDiablo contemplava a página que estava a ler com espanto, deixando o livro cair no colo. — Um corpo num armário? Mas que raio de idiota é que deixa um corpo num armário?

— Alguém que não tem uns avantajados amigos peludos que acham que “humano” e “lanche” são sinónimos? — respondeu Daemon de um modo descontraído, deixando Surreal perceber embora estivesse a prestar alguma atenção, não estava deveras a ouvir, estando ainda concentrado nos papéis espalhados à sua volta.

Qualquer outra mulher ter-se-ia sentido ofendida pela ausência de atenção imediata. Como conhecia o homem, Surreal limitou-se a aguardar.

Contemplar Daemon Sadi não era penoso, fosse em que altura fosse, embora neste momento estivesse confortavelmente amarrotado, o que dava um aspecto ainda mais delicioso à imagem. O espesso cabelo negro encontrava-se desgrenhado devido aos dedos que por ele passavam enquanto Daemon lia relatórios e tomava notas sobre o que pretendia discutir com as Rainhas de Província dhemlanas. A camisa branca de seda estava parcialmente desabotoada, revelando músculos tonificados e uma pele morena de tons dourados, bem como breves vislumbres da Jóia Vermelha de Direito por Progenitura que pendia do pescoço, presa numa corrente em ouro. Os pés descalços repousavam numa almofada que lançara para a mesa baixa defronte do sofá.

A sua voz grave e refinada deixava sempre transparecer um cariz sexual que fazia disparar a pulsação de uma mulher — mesmo que aqueles olhos dourados promettessem dor ao invés de prazer. O seu rosto era demasiado belo para ser considerado gracioso e a sua índole era característica da casta a que pertencia.

Uma vez que era um dos dois únicos machos em toda a história dos Sangue a usar a Jóia Negra, era tão letal quanto era belo. E, que as Trevas a ajudassem, era da sua família.

Era esta última parte que garantia a Surreal que, em breve, teria toda a atenção de Daemon. Estava no sangue dos Príncipes dos Senhores da Guerra serem protectores e territoriais — bem como violentos e mortíferos — pelo que era mais do que um dado adquirido que um Príncipe dos Senhores da Guerra iria dar toda a atenção às mulheres que pertenciam à sua família.

Tal pensamento fê-la semicerrar os olhos verde-dourados ao ponderar no motivo pelo qual Daemon estava sentado na sala de estar da casa de cidade da família em Amdarh, a capital de Dhemlan, em vez de se ocupar da papelada no gabinete que lhe pertencia no Paço dos SaDiablo. Onde era o lugar dele.

— Fogo do Inferno, Sadi — resmungou Surreal. — Agora que és o Príncipe dos Senhores da Guerra de Dhemlan, não tens mais que fazer do que controlar os meus períodos da lua? — O que a lembrou do problema que iria surgir na sala de estar se ainda ali estivesse dentro de uma hora.

Pousou os papéis e olhou para Surreal, com os olhos dourados plenos de carinho e diversão.

— És casado — disse Surreal, como se Daemon precisasse de ser recordado de um evento realizado há poucas semanas. — Devias vigiar a tua mulher, não a mim.

Sem resposta. Unicamente aquele ar divertido e irritante.

— Já agora, porque é que não vigias também a Marian? — disse Surreal, entre dentes.

O carinho e o ar divertido no olhar intensificaram-se.

Merda merda merda. E não é que vigiava realmente a mulher do irmão?

Sentiu um leve friozinho no estômago enquanto ponderava naquele facto. Daemon Sadi. Lucivar Yaslana. Meios-irmãos ligados pelo pai haylliano, que era o Príncipe das Trevas, o Senhor Supremo do Inferno. Homens que eram fogo e gelo, que trabalhavam em conjunto

para cuidarem das mulheres da família — particularmente durante os escassos dias em cada ciclo lunar em que essas mulheres ficavam impossibilitadas de usar a Arte, o que as tornava vulneráveis.

O que a fez pensar no Senhor da Guerra que conhecera numa festa pouco tempo depois de Daemon se ter tornado no Príncipe dos Senhores da Guerra que governava o Território de Dhemlan no Reino de Kaeleer. O homem conseguira manter a máscara de companhia interessante até Surreal ter concordado em acompanhá-lo ao teatro. Foi então que a verdadeira personalidade começou a transparecer. Tê-lo-ia acompanhado para saber o que realmente queria, mas o Senhor da Guerra cancelou, enviando um bilhete em que lamentava e pedia desculpas por ter sido chamado para fora, repentinamente. Não lhe dera grande importância; calculou que o homem tivesse sabido um pouco mais sobre quem era e decidira não arriscar ser esventrado durante o intervalo da peça. Afinal, os homens que se mostravam dispostos a acompanhar uma ex-prostituta ligada à família mais poderosa de Kaeleer tinham tendência para ficar nervosos quando descobriam que a ex-prostituta era também ex-assassina.

Presentemente, conjecturava se o cretino não teria cancelado o compromisso de modo a evitar alguns ossos partidos (o método de Lucivar para dissuadir os tolos) ou se teria fugido a uma ameaça muito mais assustadora (caso o cretino tivesse tido uma conversazita com Daemon).

— Que corpo no armário? — perguntou Daemon.

Demorou um minuto a lembrar-se.

— Este. — Passou o dedo com brusquidão pela página insultuosa do livro. — O que é que se passa com esta gente? Porque andarão a largar corpos num lado qualquer de modo a serem descobertos por outras pessoas em vez de se livrarem deles com sensatez? E o que se passa com a pessoa que descobriu o corpo? Precisou da ajuda, devo acrescentar, de um gato. Para que precisou de ajuda? Até um nariz humano consegue cheirar aquela quantidade de carne em decomposição.

— O que estás a ler?

Havia uma certa cautela misturada com o divertimento de Daemon. O que era justo, julgava Surreal, uma vez que vivera como assassina antes de se mudar para Kaeleer e ganhar demasiados parentes poderosos. Não é que estivesse preocupado acerca desse facto. Afinal, fora ele que lhe ensinara as artimanhas mais perigosas daquele ofício.

Ergueu o livro para que Daemon pudesse ler o título.

— Ah. Esse livro.

Sem dúvida que era cautela, como se tivesse avaliado a distância entre a cadeira onde Surreal estava sentada e o sofá e estivesse determinado em mantê-la.

— Há alguma coisa que deva saber acerca deste livro? E que raio de nome é Jarvis Jenkell? Achas que é o nome verdadeiro?

— Não sei dizer — respondeu Daemon com indiferença. — O que sei é que desde que publicou esta nova série de livros, a Jaenelle já não tem permissão para ler estas histórias na cama. Começa a rir à gargalhada e a rebolar-se.

— O quê? Oh. Levou-te à frente, não foi?

Expressão glacial.

Oh, sim. De regresso ao primeiro assunto. — Mas estas pessoas não têm cabecinha para enterrar um corpo onde não o encontrem? Nããã, põem um corpo num armário... ou numa velha arca num quarto de hóspedes — nem sequer no sótão, onde poderia ser mais difícil de encontrar — ou na barraca ao fundo do quintal, onde poderá atrair bicharada que queira levar carne putrefacta para o jantar. — Bateu com as palmas das mãos nas bochechas, arregalou os olhos e abanou a cabeça. — Oh! Olha! É o jardineiro. Que está morto. E olha! Encontraram sangue nas tesouras de podar sebes. Achas que é uma pista?

Daemon deu uma risada abafada, tentou recuperar o controlo mas recostou-se no sofá e riu às gargalhadas.

Surreal fez o mesmo e abanou a cabeça. Era demasiado profissional para conseguir deixar passar um trabalho desleixado, ainda que fosse numa história. — Sinceramente, Sadi. Tudo bem, um plebeu teria muito mais trabalho do que nós para se livrar de um corpo, mas ainda assim têm pás.

— É um mistério, Surreal — disse Daemon, quando conseguiu voltar a falar. — É esse o objectivo da narrativa. Uma pessoa descobre um corpo, é apanhada pelos acontecimentos que envolvem a morte e terá de descobrir o que motivou a morte dessa pessoa e quem a matou — enquanto tenta, simultaneamente, que não o matem. Até à descoberta de um corpo, não há motivo para se procurarem pistas.

— E a história não tem qualquer interesse. — Acenou com a cabeça, visto que essa parte fazia sentido. — Mas isso não explica esta personagem que parece que é membro dos Sangue — ou o gato. Uma espécie de parentes que escolheram permanecer escondidos enquanto fingiam ser gatos domésticos maiores do que o normal, à excepção do



patife deste felino dissidente que decidiu ajudar esta fraca figura humana, estúpida e com insuficiência olfactiva a deslindar os assassinatos?

Daemon levantou-se, dirigindo-se à mesa de canto onde estavam copos e uma garrafa de vinho aberta. Levantou a garrafa e olhou-a com um ar inquiridor. Surreal abanou a cabeça.

Depois de servir um copo, regressou ao sofá. — Não passaram assim tantos anos desde que cães e cavalos parentes se deram a conhecer, por isso, é possível que uma espécie tenha permanecido escondida quando os restantes decidiram revelar-se perante os Sangue humanos. Não é provável, mas é possível. Quanto ao lado humano da parceria, este é o segundo livro com estas personagens. O homem descobriu na primeira história que pertencia aos Sangue e ainda está a aprender a usar os poderes.

— Isso soa muito às histórias que a Senhora Fiona escreve acerca da Batedora e do Sombra — comentou Surreal.

— Creio que foi o sucesso de Fiona que o incentivou a escrever este novo enredo. Jenkell é um escritor famoso nos círculos artísticos dos plebeus e enriqueceu bastante à conta dos seus mistérios. Li alguns dos livros da outra colecção; são histórias interessantes.

Bufou e abanou o livro. — Mas isto! O homem nunca esteve na mesma sala com outros membros dos Sangue. Pelo menos, tal nunca aconteceu com o tipo de Sangue que tenta descrever. Percebe-se que não entende patavina sobre nós.

Daemon sorriu. — Eu sei. Durante anos, foi considerado o escritor mais proeminente do seu género, especialmente devido à esperteza das personagens e por encontrarem sempre formas imaginativas de se desenvencilharem de situações complicadas.

— E divertia quer plebeus quer Sangue.

Daemon anuiu. — Mas o ego ou o mau génio sobrepuseram-se ao bom senso quando as histórias acerca da Batedora e do Sombra se tornaram populares entre os plebeus, tal como acontecera entre os Sangue, e começou a escrever esta nova colecção sobre um macho dos Sangue e o seu parceiro parente.

— E ainda é apreciado pelos Sangue? — Tentou colocar o maior cepticismo que conseguiu na entoação.

— Ainda, mas já não é por contar histórias interessantes. — Daemon ergueu o copo num brinde. — A representação que faz dos Sangue é tão horrível que é engraçado ao ponto do histerismo. Pelo menos assim julgaram um número considerável de pessoas.

Ao que parecia, Daemon não era uma dessas pessoas. — Saberá que os Sangue compram os livros para se rirem das personagens? Isso deve ser um espinho no rabo. — Folheou algumas páginas até chegar ao capítulo seguinte.

— Julgo que deve ser. O que estás a fazer?

— Queria ver que outras asneiras escreve acerca dos Sangue.

— O objectivo destas histórias é ler de modo a seguir as pistas à medida que vão sendo descobertas.

Estava a ficar com aquele ar de mandão. Não estava certa se seria mandão da família ou mandão como Príncipe dos Senhores da Guerra, mas não deixaria de a olhar fixamente se tentasse ignorá-lo. Assim que fosse para casa, poderia...

Merda.

Olhou de relance para o relógio sobre a lareira, considerou o homem que a examinava e decidiu não perder tempo com subtilezas.

— Agora tens de ir para casa.

— Não.

Sabia que a ordem não resultaria, mas Daemon não precisava de soar tão educadamente obstinado. A única forma de se ver livre dele era dizer-lhe o motivo pelo qual teria de se ir embora.

— O Rainier está a chegar não tarda — disse.

— E então?

Algo subjacente àquele tom agradável fê-la pensar num gato a afiar as garras antes de brincar com um rato.

— Gostas do Rainier — disse Surreal. — Trabalha para ti.

Daemon recostou-se no sofá, pondo-se ainda mais à vontade. — Sei disso. — Aguardou um segundo. — O que o traz aqui esta noite?

A mesma razão pela qual tens o rabo pregado nesse sofá. O que não era algo que uma feiticeira dissesse a um macho da família maior do que ela e que usava Jóias mais escuras.

— Não tem família para chatear?

Fogo do Inferno. Estava a ficar aborrecido.

— Na verdade — respondeu Surreal —, não tem. — Um tremeluzir nos olhos de Daemon advertiu-a que estava ciente da mentira presente nas palavras — sabia perfeitamente que Rainier tinha família a viver em Dharo — mas não sabia a razão que atribuía igualmente veracidade às palavras. E também não desejava ser ela a dizer-lhe. — A família prefere que se mantenha afastado.

— Por preferir aquecer a cama de um homem e não de uma mulher?

Era como ver uma tempestade a aproximar-se com a certeza de não conseguir fugir a tempo.

— Não — disse, com serenidade —, porque é um Príncipe dos Senhores da Guerra.

Um segundo. Foi o suficiente. Daemon, o macho da sua família que se estava a divertir, desaparecera. O Príncipe dos Senhores da Guerra que a fitava... Não era o Sádico, que conseguia ser tão elegantemente cruel. Graças às Trevas que não tinha sido essa faceta de Daemon a emergir. Não, estava perante o Príncipe Sadi, regente de Dhemlan, que avaliava a gravidade do insulto contido nas palavras de Surreal.

— Não são como a nossa família — apressou-se a dizer.

Um momento de silêncio. De seguida, demasiado calmo, Daemon disse: — Explica.

Não se atreveu a olhar para o relógio para verificar o tempo que restava. Não importava. Esta discussão tinha de ficar por ali, de acabar. E depressa.

— A maior parte dos machos da família SaDiablo são ou foram Príncipe dos Senhores da Guerra. Por isso, nenhum se diferencia dos outros. Sabes como é viver com um Príncipe dos Senhores da Guerra. Já o Rainier... Do que consegui saber, existiram dois Príncipes dos Senhores da Guerra na linhagem da família ao longo das gerações, mas usavam Jóias mais claras, por isso a natureza mais agressiva, mais predadora — Porra! Não o lembres disso! — de um Príncipe dos Senhores da Guerra era equilibrada pelo facto de não possuírem muito poder. Contudo, Rainier usa uma Jóia Opala, considerada Jóia escura. A família não sabia o que lhe fazer quando era jovem e usava a Violácea como Jóia de Direito por Progenitura, e tão certo como o sol não brilhar no Inferno, ainda agora não sabem como lidar com ele.

— Por isso, rejeitam-no.

Oh, sim. Estava a tornar-se uma discussão divertida.

— Para o bem dele, pois não o merecem. — Colocou alguma brusquidão na voz, esperando um vislumbre de diversão vindo de Daemon.

Nada.

— Um Príncipe dos Senhores da Guerra precisa de uma fêmea para importunar — se não for da família, que seja uma amiga — terminou Surreal calmamente.

— Não vejo qualquer problema por te fazer companhia ao serão, Surreal, mas...

— Fica para o pequeno-almoço.

Pausa demorada. — Confias nele a esse ponto?

Finalmente tinham chegado ao cerne da questão. Confiaria num homem que não fazia parte da família durante as horas em que estava a dormir, o que a tornava vulnerável? — Sim, confio em Rainier a esse ponto. Por isso, vai para casa ter com a tua mulher, Sadi. — E assim poderei ler este livro como bem me apetecer.

Outra pausa. De seguida, o Príncipe dos Senhores da Guerra de Dhemlan respirou fundo — e Daemon soltou um suspiro ao levantar-se.

— Muito bem. — Por meio da Arte, fez desaparecer todos os papéis e invocou o casaco preto. Vestiu-o e passou os dedos — com unhas compridas, perfeitamente arranjadas, e tingidas a negro — pelo cabelo. O cabelo ficara com o ar desgrenhado da cama. A camisa parcialmente desabotoada parecia uma tentação que atraía e seduzia.

O que era uma loucura pois a única mulher que podia possuir Daemon como amante era Jaenelle Angelline, já que era a única mulher que Daemon desejava como amante.

Não fiques para aí sentada. Levanta-te. Nesta posição, não tens espaço de manobra para lutar.

Reparou num pequeno clarão, numa luz súbita junto ao chão. Não estava nada ali, mas...

Ainda estava descalço. Havia algo demasiado sensual na imagem de Daemon descalço, trajando aquela camisa de seda, o casaco caro e as calças de corte extremamente elegante que provocava as mulheres com a sugestão daquilo que não poderiam possuir.

Atentou nos pés e não no significado do movimento até Daemon estar inclinado sobre ela, com uma mão pousada no braço da cadeira e os dedos da outra a percorrerem a página do livro, passando pelo polegar e pulso de Surreal.

Chegou a sentir o coração a parar por um segundo, em antecipação de um beijo antes de começar a bater como o de um coelho.

Porque estaria a fazer aquilo? O que pretendia dela? Os olhos dourados detiveram-se nos dela, exigindo-lhe a atenção. O modo como a boca de Daemon se curvava numa sugestão de sorriso parecia prometer todos os tipos de deleites. E seria provavelmente este olhar

que viram as Rainhas terreilleanas que o usaram, no momento que antecederam a morte.

Os lábios de Daemon passaram delicadamente pela face de Surreal e aí se mantiveram enquanto o ardor sexual a invadia em catadupas.

— Tem uma boa noite, prima — disse.

Afastou-se — e deslizou para fora da sala.

Teria usado a Arte para abrir e fechar a porta ou teria usado o poder que continha no seu interior para simplesmente atravessar a madeira? Não sabia nem se importava. Sentiu-se ligeiramente ofegante — e mais do que um tudo-nada assustada. Sempre que Daemon passava a Sádico, usava o sexo como uma arma terrível. Sentia-se como se tivesse tocado naquela faceta da sua índole, embora desconhecesse a razão para que se tivesse zangado com ela.

Talvez não tivesse sido nada. Provavelmente nem teria sido dirigido a ela. Devia estar agastado com a família de Rainier.

O que a fez lembrar.

Tentando livrar-se da neblina sexual — para a qual nem sequer estava com disposição — deu uma olhadela ao relógio. Rainier estava atrasado. Não era maravilhoso? Agora que sabia que o livro era propositadamente estapafúrdio, queria ler um pouco mais. E queria folheá-lo e descobrir outras alarvidades que Jarvis Jenkell julgava que os Sangue faziam.

Pegou no livro e tentou folhear as páginas.

Tentou folhear as páginas.

Tentou folhear as páginas.

— Mas que grande filho de uma grande puta!

Enquanto descia os degraus da casa de cidade, Daemon levou a mão ao bolso interior do casaco preto. Parou, de súbito, desconcertado por ir à procura de uma caixa de cigarros que há vários anos deixara de o acompanhar.

Não se conseguia recordar do momento em que deixara de fumar os cigarros pretos. Teria sido nalgum momento durante os anos em que a mente se encontrara estilhaçada e em que vagueara pelos caminhos da loucura a que os Sangue chamavam Reino Distorcido. Ao longo dos anos em que recuperava lentamente a sanidade mental e vivera escondido com Surreal e Manny, não teria sido prudente chamar a atenção ao acrescentar um artigo de luxo aos mantimentos uma vez que o proprietário inválido — e inventado — da ilha nunca encomen-

dara cigarros. Presentemente, a única forma de obter as mercadorias passava por comprá-las a um fornecedor no Reino de Terreille e não queria nada que viesse de Terreille. Nada.

O que não explicava o deslize repentino para os gestos de um hábito antigo.

Levantou os olhos para as janelas da sala de estar da casa de cidade — e sorriu.

O gesto de procurar um cigarro fora uma reacção à lembrança das centenas de vezes em que ele e Surreal tinham passado os serões juntos, exactamente da mesma forma — a desfrutar a companhia um do outro, enquanto um se dedicava aos interesses pessoais. O que significava que ambos tinham regressado ao ponto em que, outrora, eram amigos.

Surreal tinha doze anos quando a conheceu, bem como à mãe, Titian, pela primeira vez. Uma rapariga encantadora, de pernas altas e magras, de cabelo preto e tez morena-clara típica dos hayllianos, que derivavam do genitor, Kartane SaDiablo. Já os olhos eram de uma tonalidade verde-dourada e não de um dourado puro e eram maiores do que o habitual, e as suas orelhas eram delicadamente pontiagudas. Os olhos ligeiramente desproporcionados e as orelhas, bem como o corpo esguio mais forte do que aparentava, tinham sido herdados de Titian, que fora Rainha e Viúva Negra dos Dea al Mon, e que fora uma das Crianças da Floresta.

Por isso, Surreal tinha uma linhagem dupla, como se dizia educadamente em Kaeleer. Os hayllianos eram uma das raças de longevidade prolongada; os Dea al Mon não eram. O corpo de Surreal tinha-se desenvolvido mais ao ritmo das raças de longevidade reduzida, já as emoções...

Por a ter visto unicamente umas noites esporadicamente, e porque tivera de crescer depressa e cruamente após o assassinato de Titian, não lhe ocorrera que a maturidade emocional de Surreal pudesse desenvolver-se a um ritmo mais lento e que, mesmo após alguns séculos como prostituta e assassina, continuava a ser mais uma adolescente do que uma mulher madura. Por isso, de certa forma, a noite que assistira ao romper da amizade entre ambos fora tanto culpa dele como dela.

Era jovem e insensata e estava embriagada na noite em que lhe pedira para lhe mostrar as habilidades do Prostituto de Hayll na cama. Dissera que seria um trunfo pois nenhuma prostituta que trabalhava numa casa de Lua Vermelha poderia reivindicar ter estado realmente

na cama com ele. E Daemon, que a considerava como uma prima mais nova, ficara amargamente ofendido com o que considerara uma traição da sua confiança. Por isso, reagira com uma fúria gélida e mostrara-lhe como era dançar com o Sádico.

Essa noite alterara a relação entre os dois e fora somente por Jaenelle que a amizade começara a restabelecer-se. Jaenelle, que era Feiticeira, o mito vivo, os sonhos realizados. Quando se conheceram, não passava de uma criança. Cresceu para se tornar numa Rainha extraordinária. E sacrificou-se para impedir a guerra que estava a ser orquestrada por Hekatah e Dorothea SaDiablo — a Sacerdotisa Suprema do Inferno e a Sacerdotisa Suprema de Hayll, respectivamente.

Devido à dedicação mútua a Jaenelle, Daemon e Surreal tinham traçado o caminho de volta à amizade — e à família. Talvez por se sentirem novamente confortáveis um com o outro, aquela despedida fora, em igual medida, uma advertência e uma distração. Nem sequer Surreal podia dar-se ao luxo de se tornar tolerante e esquecer-se de quem era.

Havia agora outra ligação que tinha de ter em consideração: Rainier.

O Príncipe Rainier conhecera Jaenelle e a assembleia aquando da sua contratação como instrutor de dança. Ao contrário dos instrutores que o antecederam, era, na altura, poucos anos mais velho do que elas e florescera face ao contacto com as jovens Rainhas que, daí a poucos anos, governariam Kaeleer. Quando Jaenelle se tornou formalmente Rainha de Ebon Askavi, Rainier juntou-se à corte como acompanhante do Segundo Círculo, embora tivesse continuado a ganhar a vida como instrutor de dança.

Já não existia corte em Ebon Askavi. Pelo menos oficialmente. E era esse o problema. Os Senhores da Guerra e os Príncipes dos Senhores da Guerra que tinham servido no Primeiro Círculo estavam ligados a outras cortes — habitualmente a corte da Rainha com quem tinham casado ou com a qual estavam, de alguma forma, relacionados. Contudo, Rainier servira na Corte das Trevas e, quando fora dissolvida, deixara de poder alegar com legitimidade que servia uma Rainha. Oh, ao longo daquele primeiro ano, ninguém contestara, especialmente após terem recebido a notícia da sobrevivência de Jaenelle. Ninguém contestara a reivindicação de Rainier que declarava ainda servir a Feiticeira a título oficioso. Ainda assim, aproximava-se o dia em que outras Rainhas não aceitariam essa razão como válida quando recusasse o serviço que lhe era proposto noutra corte.

Fora esse o motivo que o levara a contratar Rainier e a oferecer-lhe um contrato de cinco anos, tendo como deveres a flexibilidade e a disponibilidade. Embora os machos nascidos nos Reino das Sombras não fossem obrigados a servir, partia-se do princípio de que a maioria acabaria por passar algum tempo ao serviço de uma corte, num ou noutro momento das suas vidas. E os Príncipes dos Senhores da Guerra, considerados como um bem perigoso devido aos temperamentos e índole, eram por vezes tratados como párias se não estivessem sob o controlo de uma Rainha. Até em Kaeleer.

Apesar da opinião da família, um homem como Rainier deveria ser estimado. Era um homem bem-parecido, com a constituição esguia de um bailarino, pele clara, olhos verdes e uma juba de cabelo castanho. Era de trato fácil e tinha um temperamento sereno para um Príncipe dos Senhores da Guerra. Porém, enquanto podia ser uma companhia agradável — e protectora — não era adequado aos deveres da alcofa. Mesmo que Rainier tivesse sido contratado por uma Rainha pertencente à assembleia — e por ser amigo, todas lhe tinham oferecido um contrato — os serviços a prestar no quarto para as outras Senhoras no Primeiro Círculo da Rainha não seria proferido, mas estaria implícito.

Estar ao serviço do novo Príncipe dos Senhores da Guerra de Dhemlan era a solução mais correcta. Não havia qualquer corte, por isso não havia Senhora alguma a exigir ser servida. E ninguém iria argumentar que estar ao serviço de Daemon não seria suficiente para controlar outro Príncipe dos Senhores da Guerra.

Por isso, o acordo prometia funcionar na perfeição para ambos.

E lá vem o inocente, pensou Daemon, reprimindo um sorriso quando Rainier virou a esquina e se dirigiu à casa de cidade, num passo descontraído e gracioso.

— Príncipe Sadi — disse Rainier ao chegar à escadaria da casa de cidade.

— Príncipe Rainier — respondeu Daemon.

Os olhos de Rainier saltaram rapidamente para a porta da casa antes de se voltarem a concentrar no Príncipe que servia.

— Estou de saída — disse Daemon. — Pelo que sei, estás a chegar. Para passar a noite.

— Há algum problema nisso?

— Para mim, não. — Daemon afastou-se e esperou até que Rainier subisse os degraus e pegasse na aldraba da porta. — Como estão os teus reflexos esta noite?



Rainier rodou o corpo pela cintura e olhou-o, nitidamente intrigado. — Estão ótimos. Porquê?

— É provável que tenhas de ser rápido.

Posto isto, Daemon afastou-se. Estava uma agradável noite estival. Uma vez que não esperavam por ele em casa, iria a pé até à sua livraria preferida e procuraria saber se tinham chegado novidades que pudessem abrir o apetite de Jaenelle por histórias.

Depois iria para casa e veria o que poderia fazer para lhe satisfazer outros apetites.

— Vi o Príncipe Sadi quando vinha para aqui — disse Rainier ao entrar na sala de estar. — Parecia ter achado graça a alguma coisa.

— Vamos ver a graça que vai achar quando lhe puser os tomates numa picadora de carne! Sem os arrancar!

Justiça seja feita, Rainier não se virou e correu para fora da sala. Mas também não se aproximou. Surreal não estava certa se a cautela seria sincera ou uma cedência ao seu ego, uma vez que era ele o poder dominante neste momento, apesar de Surreal usar Jóias Cinzentas e ele usar Jóias Opala. Não queria saber se era um acto sincero ou uma cedência. Queria unicamente poder gritar com alguém.

— Vê lá o que fez ao meu livro! — lamentou-se, abanando o livro defronte de Rainier. — Vê!

Cautelosamente, aproximou-se. Encorajada face à perspectiva de estar a conseguir captar-lhe a atenção, tentou folhear as páginas como demonstração.

— As páginas estão presas — disse Rainier. — O livro tem algum defeito?

— Foi ele que fez isto. — Virou a página, como se tivesse acabado de a ler. Isso já conseguia fazer. Depois tentou folhear as páginas e ficaram todas coladas umas às outras. — Consigo virar uma página de cada vez, mas se quiser saltar umas páginas para...

— Mas isso não iria estragar a história? — perguntou Rainier, interrompendo os protestos de Surreal.

— Pára de pensar como um macho — rosnou.

Rainier sorriu de orelha a orelha. Mas o sorriso não durou muito uma vez que Surreal não desviava o olhar do homem.

— Desculpa — disse Rainier, fazendo o possível por parecer dócil.

Surreal olhou para o livro e vieram-lhe lágrimas aos olhos. Era uma

estupidez choramingar por um motivo tão ridículo. Estados de espírito do período da lua. Não a afectavam com frequência, graças às Trevas, mas tinha direito a um ou dois momentos temperamentais quando não se sentia bem, além de que estava impedida de usar a Arte.

Caiu-lhe uma lágrima nas costas da mão. Fungou — e ouviu um som baixo a ressoar pela sala. Um grunhido? Uma rosnadela? Ergueu o olhar para perguntar a Rainier e...

— Fez-te chorar — disse Rainier, contemplando-a através do olhar vítreo de um Príncipe dos Senhores da Guerra que ascendera à orla assassina. — O canalha usou um truque cruel e deixou-te em lágrimas. — Deu um passo em direcção à porta da sala de estar.

Fogo do Inferno, Mãe Noite e que as Trevas sejam misericordiosas. Ia atrás de Sadi. Vira lágrimas e dera-se uma reacção instintiva, pelo que ia atrás de Sadi, que era o macho mais poderoso do Reino. E Daemon, quando era desafiado, daria uma oportunidade para que Rainier voltasse atrás — e, seguidamente, atacaria em reacção à sua própria natureza predatória, aniquilando por completo o outro homem.

— Não. — O livro voou ao impulsionar-se da cadeira para o agarrar pelo braço. — Não vais fazer isso.

— Fez-te chorar.

— Chateou-me e eu choraminguei. Não o teria feito se soubesse que me ia pôr a choramingar. — O que correspondia à verdade. Noutro dia qualquer, teria barafustado por alguns minutos e depois tentaria descobrir o funcionamento do feitiço. Ou teria corrido até à livraria mais próxima para comprar outro exemplar do maldito livro.

— Rainier.

Naquele momento, sentiu uma breve compreensão face à incapacidade que a família demonstrava em lidar com um Príncipe dos Senhores da Guerra, mas não o ia deixar sair. Conseguia pensar em diversas formas mais limpas de cometer suicídio do que desafiar Daemon. Se isso significasse que teria de canalizar o poder numa altura em que o corpo não tolerava ser o recipiente de tal poder, assim teria de ser. Aplicaria vários escudos em redor de Rainier para o aprisionar durante algum tempo. Seria doloroso como a porra, mas fá-lo-ia. Depois, chamaria o mensageiro mais veloz que conseguisse encontrar e enviá-lo-ia pelos Ventos até Ebon Rih, para entregar uma mensagem a Lucivar. Chegaria com aquele temperamento eyrieno atizado e prestes a explodir e berraria com Rainier por sequer pensar em algo tão estúpido. Também gritaria com Surreal, por ter sofrido ao fazer uso da

Arte quando não devia. E Lucivar e Rainier seriam implacáveis e não deixariam de a importunar, pois segundo aquelas duas cabeças duras, precisava de ser atormentada.

O que era que Jaenelle estava sempre a dizer-lhe? Deixa-te guiar pela natureza de um Príncipe dos Senhores da Guerra ao invés de tentares contrariá-la.

Deixou-se cair tão repentinamente para cima dele, que Rainier teve de a agarrar para a manter em pé.

— Surreal?

Era um tom afiado como uma lâmina, mas já não se encontrava na orla assassina. Soava a preocupação, completamente concentrado nela.

Ainda bem.

— Prometeste que me fazias companhia esta noite — disse Surreal. Não uses um tom de voz patético. Não acreditará nem por um segundo se pareceres patética.

— Eu sei, mas...

— Foi só uma neura, Rainier. Foi só isso. Não se pede a um homem que ascenda à orla assassina por causa de uma neura. — Pelo menos, isso não acontecia em Kaeleer. As cabras de Terreille faziam-no reiteradamente.

Rainier observou-a e Surreal conseguiu sentir a tensão a desvanecer-se devagar.

— É só isso? — perguntou, por fim. — Só uma neura?

Surreal acenou como confirmação e encostou a cabeça no ombro do homem. Sabia bem ter um amigo macho. A única tentativa que realizara para ter uma relação romântica com um homem deixara-a destroçada a ponto de definhar o interesse sexual que tinha no género masculino. Por enquanto, pelo menos. Por isso, sabia bem passar algum tempo com um macho que não queria ser mais do que amigo.

Tudo o que tinha de fazer era evitar que o matassem.

— Querias fazer alguma coisa em especial esta noite? — perguntou Rainier.

O brilhantismo de uma ideia ofuscou-a por um instante.

— Bom — disse —, estava curiosa acerca daquele livro, em especial agora que sei que o que lá está escrito sobre os Sangue é um autêntico disparate. Mas não quero passar pela frustração daquelas páginas todas coladas. — E ia enviar a Daemon uma cáustica carta acerca de feitiços que podiam virar-se contra o feiticeiro.

Não. Não iria enviá-la a Daemon. Enviaria um bilhete ao tio Saetan. Podia ter renunciado ao cargo de Príncipe dos Senhores da Guerra de Dhemlan, podia ter ido viver para a Fortaleza para se afastar dos Reinos dos vivos, contudo, não deixara de ser o patriarca da família SaDiablo e ninguém conseguia arrasar um filho transviado com um simples olhar ou com uma mera frase tão bem como o Senhor Supremo do Inferno.

Animada por aquele pensamento, por pouco não respondia a tempo quando Rainier disse: — Podia ler-te a história, se achasses agradável.

— Gostaria muito. — Afastou-se. — Primeiro, vou refrescar-me. Podes tratar de alguma coisa para debicarmos?

Um sorriso descontraído e um olhar de antecipação satisfeita nos olhos de Rainier. — Claro que posso.

Enquanto subia as escadas para o quarto no segundo andar, Surreal pensou como a noite poderia ter sido aborrecida. Haveria de querer ler o livro; Rainier haveria de querer encontrar uma forma de cuidar dela e a sua carência por importunar tê-la-ia deixado irritadiça. Desta forma, com ele a ler-lhe a história, podiam discuti-la e rir-se dela e ambos passariam um serão agradável e divertido.

Deteve-se à porta do quarto para ponderar em tudo o que sucedera.

Um feitiço, realizado com o objectivo de a aborrecer até determinado ponto. Um homem, que compreendia profundamente a natureza dos Príncipes dos Senhores da Guerra.

Uma vez que Daemon encontrara uma forma de cuidar dela e de Rainier, afinal talvez não fosse enviar aquele bilhete ao tio Saetan.

Abanou a cabeça e sorriu ao entrar no quarto. — Sacana aleivoso.

## DOIS

Manhã bem cedo. Ar fresco na pele desnudada — ar que continha a promessa do calor que o dia traria.

Já não estando a dormir, mas ainda sem estar desperto, Daemon inspirou a fragrância exalada pela mulher, o seu amor, a sua Rainha, e expirou com um suspiro de aprazimento. Com a mão, acariciou a coxa de Jaenelle, subindo até à barriga. Não tinha intenções de a excitar, era uma forma de confirmar que estava ali, que era real. Era algo que não tinha como garantido.

Deslocou a mão mais para cima, abarcando-lhe o seio, e sorriu de prazer ao sentir aquela carne quente e redonda contra a palma da mão e a carícia de pêlo macio e espesso contra as costas da mão.

Pêlo?

Completamente desperto, entreabriu os olhos dourados. Tentou estender as pernas, mas o peso que lhe pressionava a parte de trás dos joelhos emitiu um grunhido de aborrecimento, seguido por um bocejo ensonado.

Ladvarian. O sceltita era Senhor da Guerra de Jóia Vermelha e representava a ligação mais fiável entre os Sangue humanos e os parentes, que eram os Sangue das raças não-humanas que habitavam em Kaeleer. Não passava de um cachorro quando decidira que Jaenelle lhe pertencia como Rainha, instalando-se junto dela, no Paço. Anos mais tarde, fora o coração obstinado que reunira os parentes com o objectivo de conseguirem o impossível e salvarem Jaenelle quando fora arrasada pelo poder que libertara para impedir a guerra.

Os parentes tinham desenvolvido um sentido muito apurado relativamente a quando não deveriam entrar no quarto, mas Daemon já estava tão habituado a alguns dos odores psíquicos que quando se esgueiravam, já nem sentia a presença deles a ponto de despertar.

Tal não significava que não ficasse aborrecido por acordar e descobrir que tinham companhia na cama da mulher. Em especial porque a cama tinha espaço que bastava para um pequeno quarto e não havia motivo para estar em cima dele. A menos que...

Ergueu a cabeça e olhou para o quarto ocupante da cama.

Kaelas estava deitado de costas, espreado na grande cama. Trezentos e cinquenta quilos de felino arceriano descontraído. Uma enorme manta de pêlo branco.

Kaelas olhou para Daemon através de olhos meio abertos. Daemon não conseguiu perceber se seria uma imitação deliberada da sua própria expressão ou se seria simples arrogância indolente.

Daemon cerrou os dentes, numa demonstração de domínio.

Kaelas também cerrou os dentes, não deixando a mínima dúvida de que os seus dentes eram mais impressionantes.

A satisfação desapareceu. A fúria estava a assomar-se. Não importava que Kaelas não fosse um amante rival. Não importava que, habitualmente, tolerasse a presença do felino, reconhecendo que o Senhor da Guerra de Jóia Vermelha era um dos protectores mais renhidos de Jaenelle. O que importava era que, naquela manhã em particular, Daemon, que era o marido de Jaenelle, não queria partilhar a cama com um maldito gato!

As emoções intensificaram-se, fervilharam, exigindo um escape.

Daemon rosnou, fazendo uso da Arte para deixar que o suave som ressoasse pelo quarto como um trovão.

Kaelas rosnou, sem precisar da Arte para ribombar por todo o quarto.

Foi então que Jaenelle rosnou.

De repente, Daemon era o único macho na cama.

\*Vamos dizer ao Beale que precisas de café\* disse Ladvarian, por meio de um fio psíquico masculino para manter o comentário entre os machos.

\*Faz isso\* respondeu Daemon, reparando no modo como Kaelas mudava de uma pata para outra, como se hesitasse entre permanecer ali ou correr.

Jaenelle mexeu-se.

Kaelas saltou para as portas em vidros que davam para a varanda virada para o pátio de Jaenelle. Atravessou o vidro, saltou por cima do parapeito da varanda e caiu no pátio, dois andares abaixo.

Ladvarian correu directamente para a parede interior, atravessando-a até ao corredor, certamente apressando-se a encontrar Beale para informar o mordomo do Paço de que a Senhora despertara.

E deixaram Daemon sozinho, a enfrentar a esposa, que não era a pessoa mais amistosa pela manhã.

Beijou-lhe o ombro desnudado, como indicação de que sabia que estava acordada. — Bom-dia.

Durante séculos, fora escravo de prazer em Terreille. Conhecia todas as variações dos jogos de alcova. As regras que se aplicavam ao marido eram diferentes, mas muito do que aprendera acerca das mulheres ainda se aplicava. Por isso, manteve a voz afectuosa e terna, com uma ténue rouquidão sensual — o suficiente para lhe transmitir que a desejava mas não o bastante que implicasse expectativas da sua parte.

Jaenelle mexeu-se. Virou-se para Daemon. Nada havia de terno ou de apaixonado nos olhos azul-safira que o fitavam.

— Acordaste-me.

Sentiu um calafrio. Vira-a no Lugar Nebuloso, esse lugar tão profundo do abismo, em que surgia como o Eu que vivia dentro do casulo humano — um Eu que revelava claramente que os sonhadores que tinham tecido este sonho em carne não eram todos humanos.

Ainda que o corpo se assemelhasse a Jaenelle, era a Feiticeira que o olhava. E a Feiticeira não estava satisfeita.

— Desculpa — disse Daemon, passando os dedos pelo curto cabelo louro. — Não foi de propósito.

Jaenelle apoiou uma mão no ombro de Daemon e empurrou-o.

Podia ter resistido, fisicamente, mas aguardara mil e setecentos anos por ela e tampouco conseguia desobedecer-lhe como parar de a amar. Por isso, rebolou e ficou de costas, passivo, ciente de que não se defenderia de nada que ela lhe fizesse.

Jaenelle sentou-se em cima dele, com as unhas espetadas nos ombros. Roçou-se nele — e o seu pénis reagiu com entusiasmo.

— Acordaste-me.

Mordiscou-lhe o lábio inferior e deu-lhe um longo e demorado beijo que lhe fez o sangue correr desenfreadamente. O odor da exci-

tação da mulher, quer físico, quer psíquico, invadiu-o até nada mais restar do que carência e desejo.

Jaenelle terminou o beijo e os seus dentes cravaram-se no pescoço de Daemon. Não era uma dentadinha de amor no pescoço, era antes um predador a agarrar com a intenção de estrangular a presa. Não exerceu pressão, não representava uma verdadeira ameaça, mas a firmeza — e o que representava — rompeu as correntes que normalmente mantinham um Príncipe dos Senhores da Guerra nos limites do autocontrolo civilizado.

As longas unhas de Daemon murmuraram pelas costas de Jaenelle, encorajando-a a possuí-lo. As mãos detiveram-se nas nádegas por um momento, para logo a espicaçar com as unhas, levando-a a descer as ancas contra o seu corpo.

Rosnando, ergueu a cabeça.

— Acordaste-me — disse, pela terceira vez.

Não estava a fazer amor e não era somente sexo. Não estava certo da existência de uma palavra que descrevesse o lugar onde se encontravam naquele instante.

E não queria saber.

Erguendo a cabeça, lambeu-lhe a garganta ao mesmo tempo que deslocava as ancas e se embainhava dentro dela. Disse langorosamente: — Parece que tenho de te compensar.

Daemon observava a mão enquanto servia o café, satisfeito por ver que os tremores incontroláveis tinham acalmado, não passando agora de pequenos estremecimentos.

A cópula fora uma combinação de provocação sem limites misturada com fragmentos de medo, que, devido à mulher, tinham intensificado a excitação. Sexo, selvagem, porém terno, estritamente físico, porém só possível devido à profundidade dos sentimentos que nutriam um pelo outro. Quando terminaram, Jaenelle cambaleara até à casa de banho e Daemon, amparado pela autodisciplina e completa teimosia, caminhara aos tropeções até à casa de banho nos aposentos contíguos pertencentes ao Consorte. Em privacidade e segurança, apoiara as mãos às paredes do chuveiro e, enquanto a água quente jorrava por cima dele, o corpo tremia em resposta ao que fizera na cama com a mulher que era sua esposa e sua Rainha.

Esperava honestamente que voltassem a desfrutar um do outro daquela forma. E esperava, com a mesma honestidade, que não fosse em breve.



— Julguei que os homens gostavam de sexo pela manhã — disse Jaenelle, com um ar desconcertado.

— Gostamos — respondeu Daemon. Claro, “sexo” era uma fraca descrição para o que tinham feito, mas não ia discutir a escolha de palavras. Em particular porque Jaenelle estava a olhar para a mão que segurava a caneca de café. Reparara nos tremores. — Claro que gostamos.

O olhar desconcertado deu lugar a algo que parecia zangado, quase hostil. — Disseste que não importava. Disseste que aceitarias o facto de já não usar Jóias Ébano, de já não ser soberana.

A intensidade tranquila de Jaenelle quase o alarmou. Pousou a caneca. — Não importa. Aceito esse facto. Do que é que se trata?

— Trata-se disto. — Acenou com a mão para indicar a mão de Daemon. — Trata-se de fingires que estavas com uma feiticeira mais poderosa do que tu e agora estás todo nervoso e trémulo.

Querida, não viste os teus olhos quando estavas na cama. Contudo, agora via o problema. Apesar de se terem casado duas vezes — uma vez numa cerimónia privada e novamente numa cerimónia pública, algumas semanas mais tarde — ainda não estava certa de que Daemon aceitara a escolha que Jaenelle fizera.

Depois de tratar das feiticeiras que tinham tentado impedir o casamento magoando-a, Jaenelle levava-o ao Lugar Nebuloso e revelara-lhe a verdade. Por isso, Daemon sabia que Jaenelle poderia ser exactamente igual ao que era antes de se sacrificar para salvar Kaeleer. Poderia voltar a usar as Jóias Ébano ao invés da Crepúsculo da Aurora, que tinha unicamente um vestígio de Negra. Porém, não quis tamanho poder, nunca desejara ser tão diferente e distanciar-se tanto de todos. E todos aqueles que a rodeavam, todos aqueles que a amavam, ainda se estavam a adaptar ao que consideravam ter sido uma perda.

— Concordo quando dizes que estou trémulo, mas contesto a acusação quanto a estar a fingir o nervosismo. — Colocou bastante ímpeto na voz para se assegurar de que lhe prestaria atenção.

— Às vezes, os homens fingem. Não me podes dizer o contrário.

Reconheceu aquele facto com um aceno de cabeça. — Por vezes, é verdade que um homem dissimula que se sente um tudo-nada intimidado pela mulher com quem está na cama, mesmo que seja ele a usar as Jóias mais escuras. — E, por vezes, não era fingimento; simplesmente, os homens não discutiam a avaliação incorrecta das mulheres — principalmente porque achavam que as mulheres não

iriam compreender que o poder que estava a ser exercido nada tinha a ver com as Jóias.

Concedendo-se um momento para ordenar as ideias, pegou na caneca e bebeu um gole de café.

Maldição. Se soubesse que iam ter este tipo de discussão, teria colocado um feitiço de aquecimento na caneca. Engoliu o café frio e pousou a caneca.

— Dirias que, esta manhã, a fruição um do outro foi intensa? — perguntou. — Porque eu diria que foi.

Um rubor manchou a face de Jaenelle. Anuiu.

Daemon suspirou, soando a tensa paciência. Ou a desespero paciente. — Querida, por vezes o corpo reage. Devo desculpar-me por sentir as pernas fracas e por tremelicar? Sou teu marido e sou teu amante. Sendo ambos — poder ser ambos — ainda me deixa sem fôlego.

Examinou-o durante mais alguns momentos e estendeu o braço por cima da mesa. Daemon agarrou-lhe a mão, ansiando pelo toque.

E esse toque bastou para reacender a excitação. Deixou que o contido ardor sexual invadisse os dois, não lhe deixando sequer uma réstia de dúvida de que, se acabassem na cama antes de a loiça do pequeno-almoço ser lavada, seria ele o parceiro que dominaria.

Ofereceu-lhe um breve sorriso tímido antes de largar a mão e pegar no garfo, um sinal evidente de que não estava preparada para outra pândega na cama.

Pensando bem, também ele não estava preparado. No fundo, não estava.

Aliviado por poderem mudar de assunto, serviu mais café e concentrou a atenção no seu pequeno-almoço. Uma vez que já tinha feito a ginástica diária — e para mais do que um dia — estava faminto.

— O que estás a pensar fazer hoje? — perguntou.

— Vou encontrar-me com a Marian. Vamos ver o edifício que queremos transformar numa casa arrepiante. — O sorriso resplandecente de Jaenelle dizia: Pergunta-me. Vá lá, pergunta-me.

Nenhum homem no seu perfeito juízo com algum tipo de cérebro a funcionar desejaria sequer aproximar-se daquela afirmação. Contudo, conhecia os seus deveres de marido, por isso perguntou: — Casa arrepiante?

Jaenelle engoliu um pedaço de omeleta. — Numa das minhas visitas a uma aldeia de plebeus localizada junto às vinhas da família, comecei a falar com alguns dos rapazes. As ideias que têm acerca de

quem são os Sangue são estranhíssimas — especialmente quando o bom senso lhes deveria dizer que as coisas que pensam não poderiam jamais corresponder à verdade.

— São rapazes — disse Daemon. — São destituídos de senso comum.

— Sem dúvida, mas julguei que seria divertido criar uma casa com base em todas as ideias disparatadas e assustadoras com as quais julgam que convivemos no dia-a-dia. Normalmente, celebram-se as festas das colheitas no final do Outono. Podíamos tê-la concluída nessa altura, como diversão.

— Como diversão. — Fogo do Inferno, Mãe Noite e que as Trevas sejam misericordiosas. — E onde fica esta diversão?

— Conseguimos uma grande e antiga casa numa povoação de plebeus na zona central de Dhemlan. Quer dizer, comprei-a. A estrutura está em bom estado, mas parece... — Encolheu os ombros.

Tinha algo preso na garganta. Tinha quase a certeza de que era o coração. — Compraste uma casa? — E não me contaste?

— Comprei.

Sorriu de forma insegura, ainda que um pouquinho brincalhona — e Daemon compreendeu subitamente o pavor que o pai, o poderoso Senhor Supremo do Inferno de Jóia Negra, devia ter sentido ao longo da adolescência de Jaenelle, sempre que era recebido com aquele sorriso.

— O que vais fazer hoje? — perguntou Jaenelle.

Teria Marian contado a Lucivar acerca desta casa arrepiante? Certamente que a adorável feiticeira doméstica eyriena não teria escondido este segredo do seu próprio marido! Mas este era um pensamento que não iria levar até à conclusão lógica senão começaria a magicar no motivo pelo qual a sua adorável esposa não o informara até então.

Mas se Lucivar tivesse conhecimento, porque não teria o cretino enviado algum aviso? Não havia necessidade de um homem ser apanhado de surpresa à mesa do pequeno-almoço. Nem em qualquer outra altura.

— Daemon?

— Ah? — Toma atenção, parvalhão. — Oh, tenho de acabar umas papeladas para as reuniões com as Rainhas de Província. — Fixou os olhos na caneca de café e acrescentou, oh, com uma grande descontração: — E pensei ir até à Fortaleza e ver como vai o Pai.

— Hum-hum. — Jaenelle cortou a omeleta ao meio, colocou uma

das metades entre duas torradas e envolveu o pequeno-almoço num guardanapo. — Tenho de me despachar se quero chegar a tempo ao encontro com Marian. Está um pouco nervosa em relação a isto.

Porque será? — E levas uma das Carruagens?

— Não, vou pelos Ventos. — Acabou o café e levantou-se.

Aqui havia gato. — Não deves levar muito tempo a chegar a essa povoação, pois não?

Contornou a mesa e deu-lhe um beijo ternurento. — Não, não demora muito. — Depois sorriu com malícia. — Mas primeiro tenho de gritar com o bichano por me ter acordado.

## TRÊS

Como é que me deixei convencer?, pensava Marian ao seguir Jaenelle para o quarto sombrio que se seguia, na velha casa de plebeus que estava vazia e abandonada há uma década ou mais. Parecia óbvio, com base no que vira, que também não tinham cuidado da casa quando era habitada.

Aguardou que Jaenelle empurrasse uma das portadas de ripas para deixar entrar uma luz sombria pela janela suja. Depois, olhou em volta e chegou à conclusão que esta era a pior divisão até ao momento. A julgar pela mobília, devia ter sido a sala de jantar. A julgar pelo papel de parede, as pessoas que aqui habitavam deviam pretender desencorajar os convidados de se delongarem às refeições.

— Teias de aranha — disse Jaenelle, olhando para os cantos da sala.

Marian crispou-se ao forçar-se a olhar mais de perto o que a rodeava. Estava ali pois a sentido prático que possuía como feiticeira doméstica facultava o equilíbrio às ideias mais excêntricas de Jaenelle. Além disso, pertenciam à mesma família. Jaenelle fora adoptada pelo pai de Lucivar aos doze anos, pelo que, ainda que não houvesse uma linhagem a ligá-los, Jaenelle era irmã de Lucivar — e a Rainha de Lucivar. Como Marian era mulher de Lucivar, significava que Jaenelle também era agora sua irmã.

Existia outra ligação entre ambas. Se Jaenelle não a tivesse salvado e trazido para Kaeleer, não teria sobrevivido ao ataque de cinco

Senhores da Guerra eyrienos e, se não tivesse sobrevivido, não se teria apaixonado por um homem poderoso e maravilhoso e não teriam tido um filho.

Por isso, devia muito a Jaenelle. Contudo, existindo ou não uma dívida, sendo ou não da família, uma feiticeira doméstica tinha limites para as nojices.

— Sim — disse. — Aquelas teias de aranha têm mesmo de ser limpas.

— Não. Bom, está bem, aquelas terão de ser limpas, mas iremos colocar novas nos cantos. Fios negros e sujos. Coágulos e camadas. Talvez junte um feitiço ilusório nalgumas delas para parecer que está algo a mover-se.

Marian estremeceu. Juntou as asas com membranas, alguns tons mais escuras do que a pele morena da eyriena, contra as costas, uma reacção instintiva para parecer mais pequena. — Pensam que as nossas casas têm teias de aranha? — Não sabia se haveria de se sentir insultada ou chocada.

— E ratazanas — disse Jaenelle, animada, ao invocar uma lista que entregou a Marian. — Tomei notas quando falei com os rapazes.

Não eram rapazes, pensou Marian sombriamente ao estudar a lista. Eram mostrengos com cérebros de minhoca. — Não podemos ter aqui ratazanas.

— Não serão ratazanas verdadeiras — transigiu Jaenelle. — Mas podemos criar uns ruídos de patas como se andassem ratazanas nas paredes. — Olhou em redor, pensativa, e franziu o sobrolho quando ambas ouviram uns ruídos de patas.

Marian fechou os olhos momentaneamente. Da próxima vez, trariam alguns dos lobos parentes para que tratassem das ratazanas que já ali habitavam.

— Então esses — mostrengos com cérebros de minhoca — rapazes acham que os Sangue vivem em casas bolorentas com portas e soalhos que rangem e mobília à qual não se limpa o pó há uma década e comemos em salas com teias de aranha aos cantos e ratazanas nas paredes.

Jaenelle sorriu com um ar animado. — Sim. Exactamente.

Marian caminhou em redor da mesa que atravancava o centro da sala. O que seria preciso para limpar aquela coisa? Talvez um escopro. Ou um martelo de forja. Parou na mesa de apoio e ficou a olhar para o tabuleiro em prata que não estava bem centrado, o que a fez ranger os dentes.

Pelo menos, parecia prata mesmo tendo perdido o brilho.

Ao ver o tabuleiro, o seu cérebro pareceu silvar. Virou-se e dirigiu-se à porta mais próxima, cerrando os dentes num rosnado mudo enquanto virava a maçaneta imunda. Foi preciso exercer alguma força para abrir a porta perra, mas quando, por fim, conseguiu, descobriu que não era uma saída da sala. Era um armário de arrumação com prateleiras com mais prata enegrecida e toalhas e guardanapos de linho, infestados de bichos. E não conseguiu aguentar mais.

— E porque não um corpo em decomposição? — disse Marian num tom de voz tão ríspido que não reconheceu a voz como sendo sua. — Certamente trancaríamos os nossos inimigos num armário e deixá-los-íamos morrer à míngua enquanto nos viam comer?

— Bom... — começou Jaenelle a dizer.

— Disseste que estavas a pensar em narradores fantasmagóricos. Por isso, diz lá aos — mostrengos com cérebros de minhoca — rapazes para que não abram aquela porta. Se forem minimamente parecidos ao Daemonar, irão abrir a porta assim que puderem só para ficarem a saber o motivo da proibição.

— Mas estas não são crianças da idade do Daemonar — protestou Jaenelle. — Estas crianças já devem ter idade para terem realizado a Cerimónia de Direito por Progenitura — ou teriam, se pertencessem aos Sangue. Uma criança dessa idade não irá abrir uma porta depois de lhe dizerem que não o deve fazer.

— Mas então, cria uma ilusão de um rapaz da idade certa. Que seja ele a abrir a porta. Na verdade, nem devia existir uma maçaneta na porta até surgir o rapaz-fantasma. Nessa altura, surgirá uma maçaneta fantasma que só poderá ser aberta por ele.

— Disseram-lhe para não abrir a porta mas ele abriu — e a maçaneta saiu e ficou-lhe na mão, quebrando o feitiço da tranca na porta — disse Jaenelle. — O rapaz-fantasma afasta-se e os visitantes ouvirão uma gargalhada maléfica enquanto a porta abre lentamente.

— E nessa altura, verão o esqueleto do rapaz a quem tinha sido dito para não abrir a porta e que desobedeceu.

E, ao que parecia, continuava a ser desobediente como fantasma.

— O esqueleto — disse Jaenelle em voz baixa. — Sim. O esqueleto de um rapaz. Com um pedaço de couro cabeludo com um pouco de cabelo e mais nada a não ser roupas esfarrapadas sobre ossos.

— E não é isso que todos temos nos armários de toalhas de mesa e guardanapos?

A sala foi tomada pelo silêncio, seguido de...

— Marian — disse Jaenelle, suavemente —, que ideia brilhante. Temos ainda de inventar o motivo que levou à proibição de abrir a porta, mas... É brilhante.

Isto iria ensiná-la a não tentar ser atrevida. Como era óbvio, não estava na sua natureza.

— Anda — chamou Jaenelle, dirigindo-se à entrada. — Vamos ver que tipo de disparates conseguimos engendrar para os quartos lá de cima.

Marian fitou a soleira da porta vazia e ponderou no que poderia encontrar no andar de cima. Quartos. Casas de banho. Armários. E, ainda por cima, o sótão.

Ao chegar à porta, ouviu o ranger ruidoso das escadas antigas. Ouviu o riso encantado de Jaenelle. Olhou para a lista que Jaenelle escrevera com base no que os rapazes plebeus julgavam que era a vida dos Sangue.

Que as Trevas sejam misericordiosas.

...

Daemon encostou-se com cuidado à grande mesa de madeira escura que servia de espaço de trabalho aos estudiosos a quem era dada permissão para usarem o material nesta parte da biblioteca da Fortaleza. Tinha um músculo dorido nas costas. Nada mais. Considerando todos os aspectos, não se saíra mal.

Maldito gato.

— O que te traz hoje à Fortaleza?

Afecto. Divertimento sarcástico. Amor. Ouviu todos estes elementos na voz grave. Virou a cabeça para olhar para o homem que ordenava os livros empilhados no centro da mesa.

Um belo haylliano cujo espesso cabelo negro estava bastante grisalho nas têmporas. O rosto começava a dar sinais da extensa vida, embora fossem as rugas de expressão que se disseminavam a partir dos olhos dourados que mais marcavam a pele morena. Era Guardiã, um dos mortos-vivos e caminhava nos Reinos há mais de cinquenta mil anos.

Era Saetan Daemon SaDiablo, Príncipe dos Senhores da Guerra de Jóia Negra que era Príncipe das Trevas, Senhor Supremo do Inferno, Sacerdote Supremo da Ampulheta. Fora Administrador da Corte das



Trevas em Ebon Askavi — e continuava a ser o mesmo Administrador sem carácter oficial da mesma corte oficiosa — e era agora o historiador/bibliotecário assistente em Ebon Askavi.

Possuía outro título, aquele a que Daemon dava mais importância: pai.

Não se conheciam há muitos anos. A Cerimónia de Direito por Progenitura, em que uma criança adquiria a Jóia reveladora do poder que nascera dentro desse jovem receptáculo, constituía também o momento em que a paternidade era formalmente reconhecida ou negada. Na Cerimónia de Direito por Progenitura de Daemon, enquanto segurava orgulhosamente a Jóia Vermelha na mão, a paternidade fora negada. Saetan fora destituído de todos os direitos como pai e tinham-se perdido um do outro — até que a necessidade de proteger uma criança poderosa, ainda que frágil, os tivesse voltado a unir.

Presentemente, tinha pai, alguém com quem podia falar, alguém que, como o único outro macho que também usava Jóias Negras e que era simultaneamente Viúva Negra, compreendia a sua natureza melhor do que ninguém. Melhor até do que Lucivar.

— Preciso de motivos para te visitar? — perguntou.

— Com certeza que não — respondeu Saetan, andando até à extremidade oposta da mesa e colocando três livros junto a outra rima.

Daemon mudou ligeiramente de posição para ter um melhor ângulo de visão das pilhas de livros. Iriam desfazer-se daqueles livros ou seriam os livros que Saetan e Geoffrey, o bibliotecário/historiador da Fortaleza, estavam a tentar preservar?

Eram livros antigos, pelo aspecto das capas. A grande parte era tão antiga que os títulos mal se conseguiam destrinçar e as encadernações pareciam bastante fragilizadas, apesar dos feitiços de preservação que os deviam ter mantido intactos por tanto tempo. A selecção dos livros na vasta biblioteca da Fortaleza era um projecto incessante e todos os exemplares tinham de ser manuseados com desvelo.

— É sempre um prazer ver-te, Daemon — disse Saetan, regressando às rimas no centro da mesa. — Mas sei reconhecer a diferença entre uma visita informal e quando um de vós aparece por causa de algo que vos apoquentam.

Apanhado. Contudo, não estava preparado para perguntar. Por isso, lançou uma bola de conversa divergente para a mesa. — Já ouviste falar da casa arrepiante?

— A quê?

Com uma satisfação perversa, Daemon contou ao pai acerca dos planos que Jaenelle tinha para criar uma casa baseada nas ideias das crianças plebeias sobre o modo de vida dos Sangue — e testemunhou o empalidecer do Senhor Supremo do Inferno.

— Estás a brincar — disse Saetan, com a voz rouca.

Daemon abanou a cabeça. — Jaenelle e Marian estão lá neste preciso momento, a examinar o prédio.

— E não consegues impedi-la?

— Tens alguma sugestão?

Silêncio absoluto.

Durante um minuto, Daemon ficou a ver o pai a ordenar livros, certo de que o homem não estava a prestar a mínima atenção ao que estava a colocar aqui e ali, pelo que teria de voltar a ordená-los novamente.

— Não há mais nada de que queiras falar? — perguntou Saetan, pegando numa pilha de livros.

Foi aquela ínfima sugestão de desespero, a ligeira corrente subterrânea de súplica que tornou possível fazer a pergunta. Ainda assim, virou a cabeça e olhou para a parede e não para o homem.

— Quando era escravo de prazer em Terreille, acordava todas as manhãs a pensar em quem teria de matar nesse dia ou que tipo de jogo cruel teria de jogar ou se seria a minha vez de ser morto. A cada momento desperto, vivia no fio da navalha e afiava o meu próprio temperamento nessa lâmina. Merecia o epíteto de Sádico.

— E hoje em dia, o que mais te apavora?

— Sexo matinal.

Saetan deixou cair os livros.

Daemon retraiu-se, esperando que nenhum dos volumes se tivesse danificado.

Saetan começou a apanhar os livros e deteve-se. Parou, simplesmente.

— Sou teu pai — disse, com serenidade. — E sou o pai adoptivo de Jaenelle. Por isso, há aspectos do vosso casamento relativamente aos quais prefiro permanecer na ignorância, a menos que a necessidade me obrigue a conhecê-los. Ainda assim, pergunto-te: Precisas de uma Curandeira?

A pergunta surpreendeu-o. — Não.

— Tens as costas doídas.

— Isso não se deve a Jaenelle; é por causa do maldito gato. Gritou com ele e o felino ficou perturbado.

Saetan suspirou, um som sereno e pleno de alívio. — O Kaelas é Príncipe dos Senhores da Guerra de Jóia Vermelha e tem trezentos e cinquenta quilos de músculo e de mau génio. Fico sempre boquiaberto por ver que basta Jaenelle dizer-lhe “gatinho feio” e dar-lhe umas pancadinhas na cabeça com os dedos para que se torne numa massa ansiosa de pêlo.

— Fez mais do que isso. Gritou mesmo com o gato.

— Porquê?

— Acordou-a.

Outro silêncio. — Estavas na cama com a Feiticeira?

Preocupação imediata, Administrador da Corte para com o Consorte da Rainha. E a compreensão de que Jaenelle, quando acordava por ela própria, já acordava rabugenta. Quando era sobressaltada, a Feiticeira era o lado dela que acordava primeiro — e a Feiticeira despertava mortífera.

— Assim sendo, volto a perguntar, Príncipe — disse o Senhor Supremo. — Precisas de uma Curandeira?

Daemon abanou a cabeça.

— As tuas costas?

Levantou uma mão, mas deixou-a cair ao lado do corpo. — É só uma nódoa negra. Estava sentado à secretária. Entrou como um raio. Não estava a contar que Kaelas perdesse completamente a cabeça e tentasse subir-me para o colo enquanto estava sentado na cadeira!

— Conseguiste escudar-te?

— Só assim evitei ser empalado — respondeu Daemon secamente. Ainda assim, não lhe servira de muito. Caído no chão do gabinete, ligeiramente atordoado, a ser esmagado entre uma cadeira partida e um felino ansioso, cuja enorme pata — com as garras gratamente recolhidas — lhe afagava a cabeça enquanto os pensamentos de Kaelas o atingiam. A Senhora estava transtornada. Daemon era o companheiro da Senhora. Daemon podia resolver.

Naquele momento, Daemon tentava respirar a todo o custo.

Saetan coçou o queixo. — Era uma bela cadeira. Não estava preparada para todo esse peso.

Nem eu, pensou Daemon.

— O nome do artesão que a construiu está nos arquivos da casa.

— Vou contactá-lo para que faça outra.

Outro silêncio. Saetan disse: — Que mais?

— Gosto da minha vida, neste momento. Gosto realmente. Gosto

de acordar de manhã e de saber que o dia será repleto de pequenos desafios e prazeres, que irei passar grande parte do dia a cuidar das propriedades e das finanças da família, bem como dos meus próprios investimentos e outra parte do dia ocupado com Dhemlan. E de permissão, poder estar com Jaenelle. O encantamento, a alegria de estar com Jaenelle.

— Mas?

— Mas, por vezes, pergunto-me se irei perder a intensidade que me torna quem sou e no que sou. Por vezes, pergunto-me, quando chegar o dia em que tenha de assumir o papel de defensor, se não me terei tornado demasiado brando, demasiado manso, para proteger o que mais importa. Será esse o preço a pagar por ter uma vida aprazível?

Já estava. Já o dissera. Colocara a questão.

E Saetan ali ficou, a olhar fixamente para os livros, com as pontas dos dedos a passarem delicadamente na capa do livro do topo.

— Nunca perderás essa intensidade — disse Saetan subitamente, com serenidade. — Daemon, esta vida que levas agora, é tudo o que podia desejar para ti e espero que passes décadas em que os maiores desafios que tenhas de enfrentar sejam sexo matinal com a tua esposa e lidares com um gato ansioso. Contudo, posso afiançar-te, aqui e agora, que nunca perderás essa intensidade. Não importa quanto tempo a pessoa que és e aquilo que és permanecerão embainhados nessa vida aprazível, quando chegar o dia em que tiveres de desembainhar a espada gélida do teu temperamento, estará tão afiada e tão cortante e tão mortífera como hoje. Talvez ainda mais.

Sentiu a tensão da qual não se tinha apercebido a abandonar os músculos. Era esta a pergunta que viera fazer. Era esta a resposta que esperava ouvir.

— E agora — disse Saetan, sorrindo com sarcasmo —, e se fosses tratar dos negócios da família e me deixasses...

A porta abriu-se. Lucivar entrou. Daemon sentiu o corpo imobilizado, sentiu a tensão em Saetan, a seu lado. Não era por causa de Lucivar, era por causa de...

— Titi Daemon! Vô!

Daemonar estendeu os braços, com os pequenos pés apoiados e a empurrarem a anca do pai e com as asinhas a bater. O feliz conjunto de um menino eyrieno... numa sala cheia de livros de valor incalculável.

O pensamento apavorou Daemon.

— Ei — disse Lucivar, tentando controlar o rapazinho que se con-

torcia, sem desencadear uma birra monumental. — Já sabem desta casa arrepiante que a Jaenelle e a Marian andam a planear?

De súbito, Saetan pegou em Daemon pelo braço e arrastou-o para a porta com tal rapidez que Lucivar teve de recuar para o corredor.

— Sim, o Daemon acabou de me contar. Acho que é algo sobre o qual os dois precisam de conversar, uma vez que é melhor ser tratado por maridos e não pelo pai. Contudo, se pensar em algo que vos possa ajudar, certamente vos darei conta.

Sem saber como, Daemon viu-se no corredor, a fitar a porta fechada e a ouvir o estalido de uma chave a virar na fechadura.

— Bom — disse Lucivar —, parece que com isto nos pôs nos nossos lugares.

A boca de Lucivar estava curvada naquele sorriso indolente e arrogante que, normalmente, significava sarilhos, embora o tom de voz não fosse correspondente.

Daemon observou o irmão. Meio-irmão, mas nunca tinham feito tal diferença. O que tornava a diferença notória era o facto de que Lucivar possuía asas escuras e com membranas que distinguiam eyrienos de hayllianos e dhemlanos, as outras duas raças de longevidade prolongada. E possuía toda a arrogância e conduta que faziam parte da natureza de um macho eyrieno — especialmente quando era Príncipe dos Senhores da Guerra e usava Jóias Ébano-Acinzentadas.

— Queres...? — começou Daemon.

— Não. — Demasiado brusco, quase incisivo, embora o sorriso não se tivesse alterado. — Tenho assuntos a tratar.

Daemon sentiu um repentino distanciamento entre ambos. Não conseguia sequer imaginar o motivo que o originou. — E se bebêssemos um copo esta noite? Eu podia ir...

— Eu vou ao Paço. Até logo, Bastardolas.

— Fica bem, Bastardinho.

— Adeus, Titi Daemon! Adeus.

Ficou a acenar até Lucivar e Daemonar desaparecerem ao virar de uma curva no corredor. De seguida, voltou a olhar para a porta fechada e suspirou.

Podia não ter de dançar no fio da navalha como sucedia enquanto vivera em Terreille, mas, afinal, não parecia provável que a sua vida se fosse tornar complacente.

Saetan estava encostado à porta trancada e olhava para o tecto.

Mas para que fui eu querer filhos?

Ficara atrapalhado ao conversar com Daemon, tinha reagido ao invés de pensar. E o olhar de Lucivar antes de fechar a porta tinha-lhe mostrado a profundidade do seu erro. Haveria de o corrigir. Passaria pela casa alcantilada naquela noite e iria corrigir o erro.

Não estava certo de como iria corrigir o outro problema. Casa arrepiante. As palavras tinham-se transformado numa espinha atravessada na garganta, como um insulto a tudo o que acreditava. Um insulto infligido pela sua Rainha.

Tinha duas hipóteses. Podia engolir a espinha ou podia cuspi-la. De qualquer forma, iria sempre magoá-lo. Restava-lhe decidir com qual das hipóteses conseguiria viver.

Afastando-se da porta, regressou à mesa em madeira escura no momento em que Geoffrey passou por um dos arcos que davam para a zona de livros catalogados. O outro Guardião tinha um ar de compreensão e de diversão enquanto observava Saetan a arrastar alguns livros.

Geoffrey aproximou-se da mesa, pegou num livro e abriu-o para ler a página do título. — Durante quanto tempo achais que ireis conseguir manter esta situação? — perguntou. — Mais tarde ou mais cedo, um deles vai perceber que estes são livros novos com um feitiço ilusório nas capas para que pareçam antigos e que só os estais a usar como adereço.

— Até agora, nenhum deles se apercebeu — respondeu Saetan, arrancando o livro das mãos de Geoffrey. — Se me virem ocupado, podem demorar algum tempo até darem a volta ao que quer que me tenham vindo falar. Nenhum olha com atenção a ponto de reparar que o estado do papel não corresponde à suposta idade dos livros.

— E fizestes uso de alguns livros verdadeiros para criar os moldes do feitiço. Bastante habilidoso, Saetan. Contudo, daquilo que ouvi antes de me retirar, tendes um problema real.

— Pois tenho. — A espinha na garganta arranhou mais um pouco. — Ai, pois tenho.

Lucivar pousou no pequeno pátio da casa alcantilada, mudou a forma de pegar no montinho que era um menino e virou-se para olhar a montanha a que davam o nome de Ebon Askavi.

Não era como eles. Jamais poderia vir a ser como eles. O pai. O ir-

mão. Farinha do mesmo saco. A diferença não era tão gritante quando estava junto de um ou de outro. Mas quando estavam juntos...

Homens instruídos, extremamente interessados em livros e palavras e conhecimentos. Lucivar era o intruso, aquele que não se integrava.

Magoava-o. Não importava quantas vezes tentara não dar importância, ainda assim, magoava-o. E agora o sofrimento era mais profundo. Devido ao menino.

Passou a face pela cabeça de Daemonar, sentiu a dor adocicada quando bracinhos se ergueram para o abraçar.

Sabia o motivo pelo qual lhe tinha sido vedada a entrada na biblioteca. Sabia o motivo pelo qual tinha sido excluído. Porém, se tivesse de escolher, optaria pelo menino que segurava nos braços.

Dando um beijo ao filho, disse: — Anda, rapazolas. Hoje vais brincar com o papá.

## QUATRO

Os estrépitos, estrondos e palavrões que vinham da cozinha da casa alcantilada não eram sons que Lucivar associaria normalmente à sua querida mulher. Hesitou por um segundo, pousou Daemonar junto à porta lateral que dava para a zona do pátio concebida para suportar as piruetas de um rapaz eyrieno e uma ninhada de crias de lobo — e que tinha um escudo em cúpula à volta para evitar que o rapaz e as crias rebolessem montanha abaixo.

— Fica aqui — disse.

Teve outro momento de hesitação ao passar a soleira da porta. A ordem iria manter o rapaz lá fora por um ou dois minutos, mas não mais do que isso. No entanto, se o fechasse na rua, não teria sequer tempo de avaliar o que estaria a perturbar Marian antes que Daemonar fizesse ouvir o seu descontentamento tão alto que a sua voz alcançaria Riada. Por isso, deixou a porta aberta e atravessou a sala até ao arco que dava para a cozinha.

— Marian? — chamou suavemente.

A voz de Lucivar sobressaltou-a a ponto de pontapear um balde de metal — e proferiu palavras que nunca a ouvira dizer.

— A tua irmã — disse, ofegante, enquanto pegava em trapos e esfregonas e vassouras. — Aqueles mostrengos com cérebros de minhoca.

Crispou-se ligeiramente ao ouvir a palavra “minhoca”, para logo adotar uma posição de combate. Era só por precaução. Não sabia por-



que a visita a uma casa velha teria levado a esta reacção, mas — Fogo do Inferno! — alguma coisa a tinha irritado.

— A minha casa vai ficar limpa.

Ficou sem perceber se aquele era um queixume de desespero ou uma declaração de guerra.

— A nossa casa está limpa — disse, calmamente.

Virou-se para ele com tal rapidez que o eyrieno deu dois passos para trás antes de se aperceber de o fazer.

— Não me subestimes, Lucivar Yaslana. Nem te atrevas!

Ergueu as mãos à altura do peito num gesto de rendição e manteve a boca fechada. Não fazia sentido tentar argumentar com Marian, pelo menos até a mulher começar a parecer-se com Marian e menos com uma harpia histórica brandindo uma esfregona.

— A minha c-casa não tem teias de aranha aos cantos nem ratazanas a passearem pelas paredes e muito menos corpos em decomposição.

Ainda bem que não lhe tinha contado acerca do coelho mordiscado que as crias de lobos tinham deixado num dos quartos pouco frequentados. Deitara a carcaça fora — e as larvas —, não deitara? E esfregara tudo para que o cheiro desaparecesse.

Talvez não tivesse conseguido esfregar assim tão bem...

— Mamã!

Lucivar deslocou-se um pouco para bloquear a entrada para a cozinha. Daemonar, que corria a toda a velocidade, esbarrou contra a perna do pai.

Antes que o rapaz conseguisse expressar o descontentamento, Marian lamentou-se: — Acham que vivemos daquela maneira! — E o lamento deu lugar a um rosnado ao acrescentar: — Tenho de limpar.

Como passara os últimos anos a ensinar-lhe a defender-se com objectos que tivesse à mão, estava perante uma mulher agastada em cujas mãos estavam potenciais armas.

— Muito bem. — Empurrou o filho suavemente com o pé. Assim que Daemonar ouvira a mãe a resmungar, o instinto mantivera-o calado e cauteloso — ao mesmo tempo que observava escondido por detrás do pai. — E se fosse à Taberna mais logo para ir buscar qualquer coisa para o jantar? — Ao ver Marian cerrar os dentes, acrescentou: — É só uma sugestão, Marian, não é uma crítica.

O olhar encarniçado dissolveu-se a ponto de Lucivar conseguir ver a esposa que amava na mulher abespinhada defronte dele.

— É uma boa ideia — disse.

Ainda com os olhos postos em Marian, Lucivar baixou-se e pegou em Daemonar. — Vamos dar-te espaço por um bocado.

Não aguardou pela resposta, virou e apressou-se a sair para o pátio. Assim que fechou a porta e se dirigiu à extremidade oposta do relvado, começou a descontraír.

Foi nesse momento que se apercebeu do que tinha feito e parou bruscamente.

Era Príncipe Eyrieno dos Senhores da Guerra. Usava Jóias Ébano-Acinzentadas. Era o terceiro macho mais poderoso do Reino de Kaeleer. E acabara de fugir de uma feiticeira doméstica que usava Jóias Violácea.

Obviamente que as habituais regras de batalha não se aplicavam às esposas, o que o deixava em clara desvantagem quando tinha que lidar com ela.

Lucivar sentiu uma mãozinha no rosto, pelo que virou a cabeça e olhou para o filho.

— A mamã estava assustadora — disse Daemonar.

— Ooooh, pois estava. — Deu um beijo ruidoso ao filho, provocando uma gargalhada. — Vamos lá, rapazolas. Vamos brincar mais um pouco cá fora.

E, assim esperava, mulher e filho estariam tão extenuados daí a umas horas que teria de os aconchegar na cama antes de se dirigir ao Paço para falar com Daemon.

...

— A casa tem um potencial enorme — disse Jaenelle enquanto olhava para o espelho sobre o toucador e colocava um brinco de safiras e rubis na orelha esquerda. Sorriu ao encontrar o olhar de Daemon. — Ainda assim, creio que o estado da casa deixou a Marian um pouco abalada.

Maldição. Tinha esperanças de que a adorável feiticeira doméstica conseguisse aplacar o marido antes que Lucivar se dirigisse ao Paço. Se Marian estava abalada, Lucivar chegaria como uma explosão ambulante.

— Então vais mesmo avançar. — Pensara no assunto ao longo da tarde. Nada havia de perigoso acerca daquela casa arrepiante; não passava de uma diversão disparatada. As Trevas sabiam que as Rainhas de

Terreille muitas crueldades tinham realizado em nome da diversão e isto não iria magoar ninguém. Mas havia algo que o incomodava. Só não conseguia perceber porquê.

— Sim, Daemon, vamos avançar.

Colocou o outro brinco na orelha e Daemon apercebeu-se de algo muito mais interessante do que uma casa antiga.

Adorara o longo cabelo louro, adorara a sensação do cabelo a passar-lhe nas mãos ou quando lhe roçagava a pele. Contudo, o cabelo curto, perfeitamente cortado e estilizado graças à insistência de Surreal, enquadrava de modo agradável o rosto de Jaenelle e revelava-lhe o pescoço. E aí residia o fascínio.

Havia algo no ponto onde o pescoço e o ombro direito se encontravam. Tal não acontecia do lado esquerdo, somente do direito. Uma fragrância sedutora. Um sabor especial. Não se devia a alguma substância que aplicasse na pele e aquela zona era desprovida de glândulas que exalavam odores sob a pele. Contudo, para os Príncipes dos Senhores da Guerra, aquele local específico era como nêveda. Queriam inalar o aroma, lambê-lo, abocanhá-lo e...

Acalma-te, rapaz. Não comeces o que não poderás terminar a não ser muito, muito mais tarde.

Não pensara na frequência com que a abordava por trás e lhe beijava aquele ponto, deixando-se ficar por um momento enquanto a saboreava, até se aperceber de que Lucivar fazia o mesmo, ainda que o beijo fosse breve e amigável. Até reparar que todos os Príncipes dos Senhores da Guerra do Primeiro Círculo procediam de modo semelhante, até Kaelas e Jaal, pelo que o fascínio não era exclusivo dos machos humanos.

E não era exclusivo de Jaenelle. Nunca reparara neste comportamento em Terreille, ainda que todas as Rainhas em Kaeleer possuíssem esse ponto especial — um ponto que atraía unicamente os Príncipes dos Senhores da Guerra que a serviam.

O que o fez regressar ao cabelo de Jaenelle. Longo, ocultara a sedução a menos que apanhasse o cabelo ou fizesse uma trança. Presentemente, o curto cabelo louro guiava o olhar pelo pescoço descendo exactamente até àquele ponto e...

— Estás bem? — perguntou Jaenelle. — Estás com um olhar parado.

Foi preciso algum esforço para controlar a libido, mas conseguiu. Ou, para ser mais preciso, foi o olhar ligeiramente intrigado e um pou-

co divertido de Jaenelle que conseguiu controlá-la. Além disso, esta noite não era propícia a devaneios da mente.

— Estou bem. — Hesitou, acabando por decidir que seria melhor avisá-la. — O Lucivar vai passar por cá depois do jantar.

Jaenelle pegou num frasco de perfume que Daemon lhe oferecera recentemente e aplicou uma gota em cada pulso. — Está preocupado com algum assunto?

— Está. — Não havia razão para negar.

Pousou o frasco no toucador e virou-se para o encarar. Fora mais fácil falar com o reflexo do que estar sujeito àqueles olhos azul-safira.

— E sabes do que se trata? — perguntou a Feiticeira.

Abanou a cabeça. — É um assunto... entre irmãos.

Voltou-se novamente para o espelho e colocou a pulseira cravejada com várias pedras preciosas que lhe oferecera antes de casarem, naquelas semanas em que temera que Jaenelle se iria afastar dele para sempre. — Assim sendo, fico nos meus aposentos este serão. Parece que esta discussão será mais fácil sem distrações presentes.

— Concordo. — Não lhe teria pedido que não estivesse presente, mas sentiu-se aliviado por Jaenelle perceber que a presença dela poderia impedir qualquer tentativa de se chegar à raiz do problema.

Dirigiu-se a Daemon e beijou-o delicadamente. — Vão entender-se. É sempre o que acontece entre os dois.

Cedendo a uma carência, envolveu com os braços e encostou o nariz àquele ponto específico no pescoço de Jaenelle.

O odor psíquico deslizou pelas divisões do andar térreo do Paço, anunciando a fúria de Lucivar antes de atravessar a porta do gabinete. Arrogância. Raiva. E mágoa.

Daemon encostou-se à secretária de madeira escura e aguardou que o irmão arrombasse a porta.

Pensando melhor, já bastava de objectos destruídos por um dia. Mediante a Arte, abriu a porta do gabinete imediatamente antes da entrada do eyrieno.

A fúria de Lucivar tomara a dianteira e a maioria das pessoas teria fugido da frente da intempérie que estava prestes a assolar tudo o que encontrasse pelo caminho. Essa raiva não o incomodava. Já tinham colidido anteriormente e, certamente, voltariam a colidir. E a arrogância, era simplesmente Lucivar a ser Lucivar. Mas a mágoa... Era essa a ferida que teriam de lancetar.

— Bastardolas — disse Lucivar começando a percorrer o gabinete.

— Bastardinho. — Observou Lucivar a considerar o espaço, avaliando-o como campo de batalha.

A menos que estivesse completamente descontraído e num lugar conhecido, Lucivar fazia sempre aquela avaliação. Não olhava para a mobília para apreciar o trabalho do artesão nem para as peças decorativas pelo valor estético. Não olhava para o espaço de uma divisão pelas condições de conforto ou pelas dimensões generosas. Via armas, armadilhas e meios de defesa. O facto de estar a realizar aquela avaliação ao gabinete não augurava nada de bom para a conversa.

— Tens algum problema nas costas? — perguntou Lucivar enquanto passava pela secretária, os olhos dourados assimilando os detalhes de um potencial inimigo num olhar fustigante.

Devia saber que iria reparar, pensou Daemon enquanto apoiava as mãos na secretária. — A Jaenelle gritou com o gato. — Ainda que Jaal estivesse tão presente quanto Kaelas, todos subentendiam que “gato” indicava apenas o grande felino branco e não o tigre.

— Se não usas os miolos para te escudares, mereces sofrer.

Sentiu a fúria a estirar, testando levemente a trela do autocontrolo.

— Sei por que fomos impedidos de entrar hoje na biblioteca.

Daemon pestanejou. Conseguiu alterar-lhe o equilíbrio mental.

— O Daemonar não passa de uma criança — resmoneou Lucivar. — Não sabe o valor daqueles malditos livros.

Lá estava a mágoa, subitamente a transbordar. E havia algo mais, subjacente à mágoa. Algo que o preocupou.

— É isso mesmo — disse Daemon, com cautela. — Não passa de uma criança. Aquela biblioteca não é um lugar adequado para ele.

— Não é adequada a um eyrieno ignorante, é isso que queres dizer?

Alguém conseguira atingir Lucivar numa das fragilidades emocionais do homem.

A fúria de Daemon mostrou as garras. Afastou-se da secretária com um empurrão. — Quem te ofendeu?

— O quê? — Lucivar parou de vaguear. Abriu ligeiramente as asas para se equilibrar. E a prudência juntou-se ao cozinhado confuso de emoções que enchiam o gabinete.

— Quem foi? — Pois quem quer que tivesse ofendido o irmão aca-

baria numa sepultura bem funda — e a cabra não precisaria de estar morta quando lá a deixasse.

— Não sou como tu! Não consigo ser como tu. Como nenhum de vocês os dois.

Uma derrapagem mental sobre gelo emocional. Tentou conter a fúria que queria rebentar a corda. Com que então, era dele que se tratava, no fim de contas.

A verdade era como uma faca a rasgar-lhe o coração.

— Não, não és como eu, tal como eu não consigo ser como tu. — Regressou à secretária em madeira escura e encostou-se, prendendo as mãos no bordo da madeira. — Do que se trata, Lucivar? Estavas zangado comigo na Fortaleza; continuas danado. Porquê?

Vulnerável. Frágil. Não suportava ver Lucivar daquela forma.

— Não tenho a instrução que tu tens — disse Lucivar, olhando para a parede, não querendo encontrar o olhar de Daemon.

Abraço-o ou mato-o? — Os eyrienos não valorizam esse tipo de instrução. Absorvo informações dos livros pelo prazer que me proporciona, mas também pode ser uma espécie de arma. — Fez uma pausa para avaliar o campo de batalha e o homem, para depois prosseguir: — Além disso, não aprecias a leitura.

— Mas sei ler. — Defesa célere e automática.

— Eu sei que sabes — disse Daemon, causticamente. — Desde que te conheci — ou desde aquela que pensava ter sido a primeira vez que te conheci — pressionei-te e coagi-te e magoei-te o ego até te incitar a aprender. Da mesma forma que me pressionaste e coagiste e ofendeste o meu ego até aprender alguns movimentos básicos com armas.

Durante os séculos em que tinham sido escravizados e que tinham colidido uma e outra vez, não compreendiam o motivo que os levava a exercer aquela pressão mútua para a partilha dos conhecimentos e das capacidades que tinham adquirido. Mesmo depois de saberem que eram irmãos, não se tinham apercebido de que esta premência de proteger o lado mais fraco de cada um começara numa infância de que não tinham memória.

Os ombros de Lucivar descontraíram-se ligeiramente e o sorriso parecia superficial, mas genuíno.

— Sabes ler — disse Daemon —, mas não gostas de o fazer. Foi sempre difícil para ti. Talvez não se limite a ti, Lucivar. A raça eyriena possui uma forte tradição oral em que se transmitem histórias, embora não dêem grande valor à palavra escrita.

— A Marian lê muito — disse Lucivar, entre dentes. — Gosta de livros.

— Talvez seja por razões culturais. A leitura é um prazer feminino, algo de que os machos poderão zombar de modo condescendente.

— Eu não zombo — disse Lucivar. Para logo acrescentar em voz baixa: — Não me atrevera.

Estavam agora a circundar o âmago da ferida, pelo que Daemon recostou-se e aguardou. E sentiu as memórias que se agitavam e des-pertavam.

— Talvez faça parte da natureza dos machos eyrienos — disse Lucivar. — Da mesma forma que somos mais fortes e temos mais massa muscular do que as fêmeas.

— Talvez seja isso.

Lucivar inspirou fundo, expirando devagar. Daemon quase suspi-rou de alívio. O pior da questão já passara, sem grandes abalos.

Foi então que Lucivar o olhou nos olhos e as palavras saíram de rajada. — É isso que quero para o Daemonar. A educação. Esse tipo de conhecimentos. Não quero que se sinta deslocado. Não quero que se sinta como se fosse... inferior.

Daemon pôs-se direito com brusquidão. E reprimiu um sopro quando as costas protestaram. Contudo, a sua voz continha uma frieza e um vigor um pouco embotado. — Se essa é a tua forma de afirmares que te sentes inferior a mim de qualquer outra forma sem ser pelo do facto de eu usar Jóias mais escuras, pego em ti e faço-te em picadinho.

Lucivar sorriu, com o típico sorriso indolente e arrogante. — Até podias tentar.

Encontravam-se novamente em terreno firme. Tão simples como isso.

Uma vez que estavam novamente em terreno firme, Daemon permitiu-se bufar de desespero. — Não sou cego, Bastardinho. Não lês por prazer. As montanhas não vão cair por isso.

— O Daemonar não pôde entrar na biblioteca.

Daemon ergueu as mãos para o ar. — É um rapazinho. O valor que aqueles livros têm para ele por enquanto é que são objectos que pode lançar ou rasgar ou morder. Lucivar! O avô dele é o Senhor Supremo do Inferno e o historiador/bibliotecário assistente da Fortaleza. Quando este rapaz chegar à idade em que conseguirá compreender o que existe entre as capas daqueles livros, achas mesmo que conseguirás impedir o avô de o levar para a biblioteca e de lhe mostrar tudo o que

tem para oferecer? A propósito, achas que me conseguirás impedir de comprar-lhe livros, de lhe ler histórias e de lhe mostrar o outro lado da sua educação?

Lucivar inclinou a cabeça de modo pensativo. — O outro lado?

— Tu vais até ao topo de uma montanha e sentes o sabor do vento. Foi assim que te expressaste quando tentaste explicar. Sentes o sabor do vento. E compreendes mais de tudo o que te envolve nesse momento do que eu alguma vez poderei almejar compreender. Posso ensinar-lhe o que vai nos livros, mas aquilo, só tu lhe poderás ensinar.

Lucivar reflectiu e, por fim, acenou afirmativamente com a cabeça. Deu um passo à retaguarda e virou-se para a porta. — E se fôssemos beber o tal copo?

— Aquela estaferma há anos que desapareceu. Se continuas a deixar que te atormente, mereces sofrer.

Maldição. Não queria dizer aquilo. Não tencionava partilhar a memória. Mas viu Lucivar a virar-se. Viu os olhos do irmão a exigirem uma explicação.

— Nunca foste muito bom na leitura — disse Daemon. Não. Não devia começar daquela forma. — Não tenho muitas memórias da minha infância quando vivia com Dorothea. Quase não as tive durante grande parte da minha vida. Contudo, agora surgem momentos... É como se fosse a sensação de algo que recordo e que faz surgir o resto.

Lucivar nada disse. Limitou-se a acenar com a cabeça.

— Recordo-me da sensação dos braços do Pai à minha volta. Recordo-me do som da sua voz, da cadência que possuía quando lia uma história. — Daemon deteve-se para ordenar uma salgalhada de imagens. — Não tinhas muito jeito para a leitura, mas absorvias uma história se alguém a lesse ou te contasse. Lembravas-te das coisas mais díspares numa história, vias todo o género de coisas numa história.

— E certamente relacionava tudo com lutas.

— Claro. És eyrieno. — Daemon encolheu os ombros. — Havia uma certa professora. Não me lembro do nome nem me consigo lembrar da cara. Julgo que me estava a dar aulas, mas tu também lá estavas muitas vezes. Costumava implicar contigo. Não de forma física, mas deixava claro de que eras uma perda de tempo.

“Um dia, deu-nos uma história para ler. Representava um desafio para mim e era uma tarefa impossível para ti. Fê-lo para que te sentisses mal. E tu ficaste devastado por não conseguires ler.

“Deves ter ido para casa até à lição seguinte, pois não me recordo



de estares lá quando o pai chegou à casa de campo nessa noite. Em vez de ler o capítulo seguinte do livro de histórias para adormecer, pedi-lhe que me lesse a tal história. Primeiro, recusou por ser o meu dever de casa, por isso devia lê-la sozinho. Supliquei-lhe, pelo que acabou por ceder e leu-ma. Contudo, à terceira vez que lhe pedi para a ler, quis saber o motivo.

— Porque lhe pediste para ler mais do que uma vez? — perguntou Lucivar. — Deves ter percebido a história à primeira.

Daemon olhou para o chão. — Queria apanhar a cadência do pai, o ritmo, a maneira como exprimia as palavras. — Levantou o olhar. — Queria ler-te a história antes da aula e queria lê-la como o pai.

Nessa altura, foi Lucivar que desviou o olhar.

— O Pai deixava passar mentiritas sem importância, mas não admitia que lhe mentíssemos — disse Daemon. — E sabia sempre. Por isso, tive de lhe contar para que é que queria saber a história de fio a pavio. E contei-lhe que a professora era malvada para ti por seres eyrieno e por não leres tão bem como eu. O Pai nada disse.

Lucivar praguejou em voz baixa. — É mais assustador quando não diz nada.

Daemon anuiu. — Leu a história uma e outra vez, depois quis que eu a lesse, e trabalhou comigo até eu ficar satisfeito.

— Acho que me lembro dessa parte. — Lucivar parecia um pouco constrangido. Fitava o vazio. — Apanhaste-me antes da aula e leste-me a história. Ela ficou danada por ter conseguido responder às perguntas acerca do que tratava a história.

— Deixou-a vir aquela última vez pois nós estávamos preparados para a enfrentar no campo de batalha. Na lição seguinte, a professora já era outra.

Ficaram a olhara um para o outro. Príncipe das Trevas. Senhor Supremo do Inferno. Presentemente, conheciam bem o homem a ponto de nenhum querer especular, mesmo entre os dois, sobre o que teria sucedido à feiticeira que fora insensata ao ponto de magoar um dos filhos de Saetan.

— Então e o tal copo, Bastardolas? E podes contar-me tudo acerca desta casa arrepiante.

Daemon apoiou-se na secretária para dar balanço e juntar-se a Lucivar à porta. — A Marian não contou nada?

— A Marian estava demasiado irritada por causa de teias de aranha para conseguir falar. Fogo do Inferno. Da próxima vez que se ener-

var tanto seja lá pelo que for, arrasto-te até à casa alcantilada para te haveres com ela.

— Arrasta antes o Falonar — respondeu Daemon. — Ainda merece suar as estopinhas por ter partido o coração à Surreal.

— Não. O mais certo era que Marian se controlasse e se mostrasse simpática, visto que não faz parte da família. — Lucivar sorriu com um ar malévolo para Daemon. — Vou mas é obrigar o filho da mãe a tomar conta do Daemonar por uma tarde.

Um toque ligeiro de ombro com ombro.

— Tens um lado cruel, mano — disse Daemon ao abrir a porta. — Agrada-me.

...

Lucivar enfiou-se sorrateiramente na cama e aninhou-se junto a Marian, mais descontraído do que se sentira ao longo do dia. Não estava embriagado. Longe disso. Mas tinha esperanças de que a mulher não estivesse com vontade de algo mais do que aquele abraço.

Marian mexeu-se. Soltou um suspiro demorado. — Chegaste.

Passou-lhe os lábios pela face. — Sim. Já é tarde, querida. Dorme.

Mudou ligeiramente de posição, aconchegando-se mais junto dele. — O teu pai passou por cá pouco depois de teres saído.

Acabara-se o aprazimento. — Porquê?

— Julgo que queria falar contigo, mas não ficou admirado por teres ido ao Paço ter com o Daemon.

Devia ter contado que Saetan viesse? Talvez. Mas conseguia abordar certos assuntos com um irmão que conhecia há séculos que não seria capaz de abordar com um pai que conhecia apenas há nove anos.

— Passou o serão a ler histórias ao Daemonar. Tem uma voz excelente para ler. Acho que leram quase todos os livros de contos que temos. O Daemonar deixou-se dormir a meio do último.

Lucivar sorriu. — E deixou-te descansar um pouco.

Sentiu uma alteração na respiração de Marian, uma modificação no corpo que passou de adormecido a desperto.

— Antes de sair, disse algo interessante.

— Está sempre a dizer coisas interessantes.

Não achou graça. O corpo da mulher dizia-lhe que não tinha de se preocupar com o mau génio, mas desejava que o quarto estivesse ligeiramente iluminado para lhe poder ver o rosto.

— Disse que as crianças não são as únicas que gostam de ouvir histórias.

Ficou tenso. Não conseguiu evitar a reacção do corpo às palavras. O pai podia dizer coisas muito interessantes, mas por vezes o maldito homem falava de mais.

— Na minha família, ninguém dava valor à leitura — disse Marian. — Mesmo quando pedia um livro como prenda, era visto como dinheiro mal gasto. Por isso, senti um grande alívio por seres tolerante quanto às minhas aquisições de livros e por passar algum tempo a ler, à noite.

— Não sou tolerante — resmungou. Por vezes, sentia inveja por Marian retirar tanto prazer de borrões de tinta numa folha de papel enquanto ele tinha de se esforçar para ler o que era obrigado a ler, mas não era tolerante. — O dinheiro é teu, o tempo é teu. Podes fazer deles o que bem entenderes.

— Não me apercebi de que gostarias de partilhar essas histórias.

Constrangimento. Uma camada de vergonha. E um sentido sadio de sobrevivência pois sabia que, caso Daemon e Saetan tivessem consciência de tais sentimentos — ou ainda mais do que já tinham — iriam ambos massacrá-lo.

— Sugeriu que tivéssemos a noite do conto em família, uma vez por semana. Só nós — tu, eu, a Jaenelle, o Daemon e ele. A Surreal também, se estiver interessada.

Mexeu-se um pouco. Muito bem. Contorceu-se. — Não tens de fazer isso. Já terias lido o livro. Já todos teriam lido.

— Não se escolhêssemos uma história diferente. E quem sabe no Inverno, quando está muito frio para fazer seja o que for, talvez pudes-se partilhar contigo algumas histórias de que gostasse. Mas os romances não. Não iria conseguir ler as...

— As...?

— Não iria conseguir ler aquelas partes em voz alta.

— Talvez eu as conseguisse ler. — Pelo menos, seria um incentivo.

— Não venhas com ideias. Já é tarde.

— Sim, Senhora — respondeu, abafando uma risada.

Aconchegou os cobertores e enrolou-se em Marian, de modo protector.

— Lucivar?

— Humm?

— Gostaria que fizéssemos aquela noite do conto. Seria divertido.

— Vou falar com o Daemon acerca disso. — Que daria saltos perante a ideia, pelo que a decisão já estava tomada.

Enquanto ia adormecendo, pensou no pai que tinha vindo falar com ele e que tinha lido a Daemonar.

Era verdade que voltara a juntar-se a Saetan há poucos anos; ainda assim, o homem compreendia os filhos que tinha.

## CINCO

Por vezes, a única maneira de lidar com um Príncipe dos Senhores da Guerra era não o deixar entrar.

Surreal estava tão agradada com essa solução que a repetiu para si própria mais duas vezes enquanto aguardava que Helton, o mordomo da casa de cidade, abrisse a porta.

— Agora — disse, num tom que continha advertência e perdão. A advertência devia-se à tentativa de atrasar a partida da mulher até Rainier chegar. O perdão devia-se ao facto de Helton não ser tão assustador quanto Beale, o mordomo do Paço dos SaDiablo, e por não pretender que o homem se demitisse por se julgar inapto a lidar com ela. Saíra-se bem ao serviço dos restantes membros da família SaDiablo, incluindo os que tinham sido demónios-mortos, mas parecia considerá-la como um desafio maior.

Surreal não estava certa se seria lisonjeador ou assustador.

Helton hesitou por mais um segundo até abrir a porta. Devagar.

Esgotando-se-lhe a paciência, Surreal deslizou pela porta entreaberta e saiu para a rua no preciso momento em que Rainier chegava à escadaria da casa de cidade. Ao vê-la bloquear-lhe a entrada, balanceou-se à beira de um degrau — ainda que Rainier se balanceasse com frequência —, ficando no degrau abaixo de Surreal, olhando-a de um modo que misturava uma expressão de cachorro esperançoso com a atitude de mandão dos Príncipes dos Senhores da Guerra. A atitude era natural naquela casta de machos. Suspeitava que Rainier, bem

como todos os outros rapazolas, tinham aprendido a expressão de cachorro esperançoso estudando os irmãos parentes. Era muito difícil ralar com um macho com aquela expressão no rosto. Ainda que não fosse peludo.

— Vamos sair — disse Surreal de modo agradável.

— Não, não vamos — respondeu Rainier, também com simpatia.

Surreal viu aquele algo adicional nos olhos do homem, uma ligeira diferença na atitude.

Numa ocasião, Jaenelle dissera-lhe: Quando um macho finca o pé para se interpor entre ti e o que quer que tenha decidido que não é bom para ti, não deixará de ser agradável e parecerá simpático — mas não arredará pé.

Soltando um enorme suspiro, Surreal afastou-se, dando a Rainier acesso total à porta. O Príncipe dos Senhores da Guerra sorriu ao subir os últimos degraus e levou a mão à porta. Surreal também sorriu — e correu escada abaixo.

Conseguiu chegar à casa do lado quando Rainier a alcançou.

— Surreal.

Cerrou os punhos e cerrou os dentes. Rainier criara um escudo que se expandia para os lados, bloqueando com eficácia todo o passeio. Desde que permanecesse imóvel, poderia contornar o escudo pela rua. Como não era provável que ficasse quieto, a única forma de passar por ele seria derrubá-lo — o que lhe parecia bastante tentador naquele momento. A menos que Rainier comunicasse o caso a um dos machos da família.

Esforçando-se por se descontraír, disse: — Vou sair. — Nem sequer lhe deu a oportunidade de remorder. — É o quarto dia, Príncipe. Posso usar a Verde de Direito por Progenitura sem me causar desconforto. Poderia usar a Cinzenta caso fosse necessário.

— Ainda... — Engoliu as palavras. Surreal esperava que fosse tudo o que o homem ia engolir.

Em público, os machos dos Sangue raramente admitiam que possuíam a capacidade de detectar um vestígio no odor psíquico ou físico de uma feiticeira indicativo do período da lua. Consideravam que não era cortês relembrar o estado vulnerável em que uma mulher se encontrava pois não podia recorrer ao poder que encerrava para se defender. Os Sangue não falavam muito sobre o assunto, embora essa capacidade fosse tacitamente reconhecida por todos, pois os Príncipes dos Senhores da Guerra ascendiam à orla assassina num piscar de olhos durante

os dias vulneráveis de qualquer feiticeira a quem tinham oferecido a sua lealdade e tendiam a matar primeiro e perguntar depois.

Ainda assim, existiam limites para satisfazer o temperamento de um macho.

— Ainda pensei em fazer um cartaz a dizer: “Tenho uma faca afiada e um Príncipe dos Senhores da Guerra” e pô-lo a flutuar por cima da cabeça, mas só gosto de dar conta da faca depois de a usar e quem quer que seja estúpido a ponto de não reparar em ti merece ser atirado contra uma parede.

Um trejeito dos lábios de Rainier. Uma mudança inclinada para o humor mais do que para a fúria.

— Onde vamos? — perguntou.

Ah. Já estava. — Livraria. É giro quando lemos aquele tal de Jarvis Jenkell juntos, mas queria algo diferente para ler noutras ocasiões.

— Olha que conveniente. Pediram-me para ir buscar uns livros.

Surreal prendeu o longo cabelo preto por detrás da orelha e semi-cerrou os olhos verde-dourados. — Ias sugerir que fôssemos dar um passeio até à livraria, não ias?

— Ia?

Sacana. Cretino. Príncipe dos Senhores da Guerra arrogante e insuportável.

Quando Surreal começou a andar, Rainier baixou o escudo e girou sobre si próprio num gracioso movimento de bailarino para se colocar ao lado da feiticeira. Surreal deu dois passos e agarrou-lhe o braço para o fazer parar, enquanto dava a volta e se colocava à esquerda do homem, posição que indicava submissão.

— Surreal.

Era apenas feiticeira e ele era Príncipe dos Senhores da Guerra, embora as Jóias de Surreal fossem superiores às dele, pelo que Rainier não se sentia bem na posição dominante.

Ainda bem. Merecia sofrer um pouco.

— Choveu ontem à noite — disse Surreal. — Poças. Carruagens. Salpicos. A menos que cries um escudo ou que decidas correr o risco, se ficares do lado da rua, não levarei com os salpicos.

Um macho apanhado entre o Protocolo e a vontade de proteger. Não apreciava a situação, mas não discutiu nem tentou trocar a posição.

Caminharam calados durante alguns quarteirões. Por fim, Rainier disse: — Tens tido notícias dos teus primos?

— Não. — Graças às Trevas.  
— Assim sendo, não ouviste falar da casa arrepiante?  
— Casa arrepiante? O que é uma casa arrepiante?  
Rainier cingiu-se a sorrir.

Foram precisos muitos quarteirões e algumas promessas irrefletidas que não devia ter feito antes de Rainier lhe contar acerca do pequeno projecto de Jaenelle.

— Estás a brincar — disse Surreal enquanto Rainier lhe abria a porta da livraria. — É tudo inventado.

Abanou a cabeça.

Surreal entrou na loja e esperou que os olhos se adaptassem à luz mais escassa. — O Daemon sabe?

— ãh-ãh.

— O Lucivar? O tio Saetan?

— Creio que sim.

— Fogo do Inferno, Mãe Noite e que as Trevas sejam misericordiosas.

— Essa parece ser a reacção geral.

Surreal fungou. Não queria que Daemon ou Lucivar a tivessem vindo aborrecer, mas um deles poderia ter passado para lhe contar acerca da casa arrepiante. Afinal, fazia parte da família.

E aquele pensamento insignificante fê-la lançar um olhar carrancudo a Rainier. — Quando ouviste falar disto?

— Estive no Paço hoje bem cedo.

Porquê?

A expressão no rosto devia ter transmitido a questão pois Rainier olhou-a com um ar intrigado. — Passo por lá duas vezes por semana. Eu trabalho para o Príncipe Sadi, estás lembrada?

Estava lembrada. Embora tivesse conhecido Rainier antes de ter assinado contrato com Daemon, tinha de ter em consideração o tipo de tarefa que um primo poderia dar a um Príncipe dos Senhores da Guerra independente.

— Sou amiga ou uma tarefa, Príncipe Rainier?

Testemunhou o insulto nos olhos do homem, viu a forma como a sua mandíbula ficava hirta devido ao esforço de manter a raiva controlada.

— És amiga — disse, com brusquidão. — Pelo menos, pensava eu que éramos amigos. Vir buscar os livros é uma tarefa.



— Perdoa-me. — E estava sinceramente arrependida. — Só queria... — Oh, aquela ferida específica ainda não sarara por completo, embora não quisesse admitir.

O olhar de Rainier era demasiado incisivo, demasiado compreensivo. — Querias apenas estar com alguém que gostasse de ti como és e que não te visse como forma de aumentar o seu prestígio numa corte.

Um toque delicado com a mão no cotovelo de Surreal afastou-os da porta quando entrou na loja um homem elegante.

— Fui para a cama com muitos homens mas o Falonar foi o meu primeiro amante. Era diferente, estar com um homem sem ser para tratar de qualquer tipo de negócios. Talvez se tivéssemos passado umas noites de farra nos dias depois de chegarmos ao Paço e depois tivéssemos seguido os nossos caminhos — Falonar para Ebon Rih e eu para outro sítio qualquer — talvez tivesse sido uma despedida nada complicada. Sabes como é. Do género: “Obrigada pelos momentos escaldantes na cama”. Mas acabei por ir também para Ebon Rih e, a determinada altura, o que fora uma fantástica viagem escaldante tornou-se em algo diferente. Pelo menos, assim julgava eu. No entanto, perto do fim, em vez de ter um amante, parecia que estava a ser servida por alguém que não estava minimamente entusiasmado com o trabalho. — Não era essa a única espinha na garganta no que respeitava ao Príncipe Falonar, mas era tudo o que estava disposta a partilhar por enquanto.

Rainier sorriu com frieza. — A iniciação que tiveste nas cortes de Kaeleer foi na Corte das Trevas. Os homens que serviam no Primeiro Círculo de Jaenelle eram as excepções, Surreal, e não a regra. O Consorte de uma Rainha de Território é um dos homens mais influentes desse Território. Só se concede essa aliança a um homem até apresentar referências.

— E por isso garante a posição de poder na cama?

— Não é que durma muito na cama da Senhora, mas é isso, essencialmente. Habitualmente, existe atracção, desejo sexual básico entre ambos. Com grande frequência, existe afecto. Por vezes, até amor. E, por vezes, o desejo sexual cabe à Senhora e ao homem cabe a ambição — e mais nada.

Surreal caminhou para as prateleiras de livros, querendo afastar-se mais do balcão e dos outros clientes. — Assim era em Terreille, mas nunca pensei que se passasse o mesmo em Kaeleer. — E Falonar viera de Askavi, no Reino de Terreille. Quiçá a tivesse servido como forma de solidificar a posição como segundo-comandante de Lucivar.

O que a aborrecia mais? Que o interesse de Falonar por ela pudesse ter sido uma combinação de desejo sexual e de desejo de manter uma ligação às feiticeiras que governavam Kaeleer ou que o interesse que demonstrava pela amante actual nada tivesse a ver com a ambição e tudo a ver com o coração?

Esquece. De qualquer forma, não era o homem certo para ti.

— O que estou a tentar dizer é que cumprirei o papel de teu acompanhante oficial sempre que necessitares de um — ou sempre que me solicitarem que o faça — disse Rainier. — Mas não estou aqui por ser ambicioso. Estou aqui porque gosto de ti. Certo?

Surreal anuiu e bufou. — Acho que estou mal-humorada. Ou estou a ser impertinente.

O sorriso de Rainier era agora afectuoso. — Não tinha reparado.

Estava a arreliá-la, a fazer pouco da língua normalmente afiada de Surreal. Algo que um amigo faria. Algo que um homem não faria a menos que tivesse a certeza de que a provocação seria interpretada adequadamente.

Animada com este pensamento, Surreal dirigiu-se às prateleiras do fundo. O homem elegante que tinha entrado durante a conversa entre Surreal e Rainier viu-a a dirigir-se a ele, corou como se tivesse sido apanhado a cometer um acto indecente e esquivou-se.

O estado de espírito animado evaporou-se enquanto olhava para o lugar onde o homem estivera. Havia algo no homem. Algo que não batia certo. Como se o sujeito se tivesse vestido com todo o cuidado para um passeio à tarde, embora o traje não passasse de uma máscara diligentemente criada, tendo deixado passar algum pormenor que distorcia o conjunto um tudo-nada, bastando para a deixar com a pulga atrás da orelha. Ainda por cima, suspeitava de que o homem estaria a tentar ouvir a conversa e que não ficara satisfeito por ter sido apanhado.

Pensou em mandar Rainier pelo outro corredor para que o homem ficasse encurralado entre os dois, porém, não vira qualquer Jóia, não detectara qualquer tipo de ameaça nem qualquer poder. Na verdade, chegara-lhe tão pouco que Surreal nem sequer tinha a certeza de que o homem pertencia aos Sangue. Iria pregar um susto de morte ao homem e estragar-lhe uma tarde agradável a dar uma vista de olhos pela livraria somente por não ter gostado de um pormenor na forma como estava vestido?

Como não podia garantir que essa reacção não fora resultado da

irritação de ter trazido Falonar à baila, virou-se para Rainier e disse: — Ajuda-me a encontrar o primeiro livro de Jarvis Jenkell sobre os Sangue. E enquanto o fazemos, podes contar-me mais pormenores da tal casa arrepiante.

...

Já a noite ia longa e Daemon estava espreado na enorme cama, desnudado, saciado e ditosamente satisfeito, com a cabeça amparada no colo de Jaenelle. Tinham tomado banho após fazerem amor prolongadamente e ainda assim, conseguia detectar o ligeiro bafo dos odores amalgamados de ambos sob o cheiro a limpo do sabonete.

Era imensamente tentador virar a cabeça e beijar aquele triângulo entre as coxas. Contudo, um beijo através da camisa de noite fá-lo-ia querer levantar o tecido para poder saborear a pele e esse tipo de beijo levaria a outros tipos de beijos.

Já se satisfizera desses outros tipos de beijos.

Além disso, Jaenelle estava a ler um livro e a acariciá-lo, com os dedos a percorrer o cabelo, ombros e costas. Podia deixar-se levar por aquela sensação e assim o fez, pelo que começava a adormecer quando...

tuc. tuc. tuc. tuc. tuc. tuc. O dedo dela no ombro.

Conhecia aquela cadência. Raramente vaticinava algo de bom.

— Estás a dormir? — perguntou Jaenelle.

— Mmmm. — Uma resposta evasiva. Podia conter qualquer significado.

tuc. tuc. tuc.

— Daemon?

Entreabriu os olhos.

— Quando temos relações, o teu pénis chora de gratidão?

Várias respostas passaram-lhe pela cabeça. Se optasse por alguma, acabaria a dormir nos aposentos do Consorte. Sozinho.

— Em que contexto? — perguntou.

Jaenelle baixou o livro. Como tinha admitido estar acordado, ergueu a cabeça e leu a passagem. E voltou a lê-la.

— Querida, se o meu pénis alguma vez fizer isso, serás a primeira a saber. Não como minha mulher, mas como Curandeira.

— Foi o que pensei, mas queria ter a certeza.

Ouvindo a severidade na voz de Jaenelle, mudou de posição, ain-

da que de modo relutante, e apoiou-se num cotovelo. — O que estás a ler?

Lançou-lhe um olhar de culpa. — Um livro de Jarvis Jenkell.

Pelo menos desta vez não me deste um pontapé. — Esse livro não começa com um corpo no armário, pois não?

— Começa pois.

Fogo do Inferno. Bem, Rainier teria de aturar Surreal quando chegassem a essa parte da história. E como seria engraçado!

— Achas que não é bom da cabeça?

Examinou a expressão da mulher. Não era uma pergunta frívola.

— Achas que tem algum problema no que diz respeito à sanidade mental?

Sem dúvida que não era uma pergunta frívola pois estava a ser colocada por uma feiticeira que além de Viúva Negra, era também Curandeira.

— Estás a falar do escritor ou da personagem? — perguntou Daemon.

— Não sei bem — respondeu, parecendo preocupada.

Inquieto, puxou o lençol até à cintura, num gesto defensivo. — Porque perguntas? Porque Jenkell escreveu uma cena má de sexo? — Horrível era uma descrição mais exacta.

— Não, perguntei por parecer que o escritor acha que este é o comportamento normal dos Sangue.

Hesitou por um instante, para logo dizer delicadamente: — Não se afasta muito do que se passava nalgumas cortes de Terreille. — Outros lugares. Outros leitos. Nenhum onde tivesse servido solícitamente. Não eram memórias que quisesse despertar e trazer à superfície. Nem agora, nem nunca.

Jaenelle olhou-o com os seus olhos azul-safira. Penetrou-o com o olhar. Viu-o de formas que ninguém jamais vira — ou poderia ver.

Fez o livro desaparecer e apoiou-se num cotovelo, tão perto dele que lhe bastava inclinar-se um pouco para o beijar.

Memórias nadaram até à superfície. Memórias ignóbeis e abomináveis. Enquanto mantinha os olhos em Jaenelle, o coração disparou, embora não fosse de excitação ou desejo sexual.

Submeter-se. Servir. Prostituir-se.

Não conseguia fazê-lo. Nem sequer por brincadeira. Não com Jaenelle.

— Daemon? — Os lábios dela tocaram os dele num beijo delicado.

Não iria conseguir fazê-lo, tinha de a deter antes que ficasse demasiado excitada. Se tentasse obseqüiá-la enquanto as memórias se agitavam dentro dele, os sentimentos entre ambos sairiam danificados.

— Vamos esgueirar-nos até à cozinha e surripiar o que a D. Beale estiver a esconder na arca fresca?

Pestanejou uma vez. Duas. Aguardou que o coração retomasse os batimentos normais.

Amor e malandrices. Era isso que via nos olhos de Jaenelle. Também ela possuía cicatrizes emocionais provenientes da violência na cama. Sabia reconhecer quando se chegava muito perto de uma das cicatrizes de Daemon.

Enquanto o olhava, à espera de uma resposta, Daemon foi invadido por memórias díspares. Recordações de Jaenelle aos doze anos, quando fora o escravo de prazer da avó dela. Ao longo daqueles meses, convencera-o a entrar em aventuras disparatadas e travessas, arrastando-o para a brincadeira como um brinquedo favorito que só tinha metade do enchimento de tanto ser abraçado. Mostrara-lhe um pouco o que era uma infância inocente.

E no presente, estava a repetir o convite.

— Mas nós temos a nossa cozinha e alguma comida na arca fresca. — Bom, era Daemon que tinha uma pequena cozinha onde se entretinha quando lhe apetecia cozinhar. Essa renovação recente fora uma espinha atravessada na garganta da D. Beale e tinha a sensação de que as negociações exigidas antes que aceitasse aquele anexo ainda só tinham começado.

O facto de uma feiticeira de Jóia Amarela, a quem pagava regularmente para ser a cozinheira no Paço, o conseguir deixar apreensivo quanto a renovar a sua própria casa, acendeu nele uma ínfima chama infantil de desafio.

— Achas que vale a pena surripiar o que lá está? — perguntou.

— Esta tarde, quando me acerquei da porta da cozinha para pedir um tabuleiro de fruta e queijo, pareceu-me que estava a defender o seu território com mais garra do que é normal.

Esse era um pensamento assustador.

Passou um dedo pelo ombro de Jaenelle. — Não haja dúvida de que o Paço nos pertence e de que pagamos a comida, por isso temos direito de comer o que quisermos seja de que cozinha for.

— ãh-ãh. Se nos apanhar, tenta usar esse argumento.

Uma imagem surgiu na cabeça de Daemon: tinha as mãos atafu-lhadas de gêneros surripiados; a D. Beale e o cutelo, ambos vestidos com barretes de dormir aos folhos e antiquados, a bloquearem a porta e a aguardarem uma explicação.

Mãe Noite.

Visto que eram companheiros nesta aventura nocturna, alcançou a mente de Jaenelle, tocando-lhe levemente nas primeiras barreiras interiores. Quando abriu a barreira, mostrou-lhe a imagem que imaginara da D. Beale.

— Oh. Blhac. — Jaenelle contorceu o rosto e imitou sons de vômito. Parou de fazer esses sons e olhou para Daemon, com os olhos esbugalhados. — Achas mesmo que usa uma coisa daquelas? Será que alguém ainda usa aquilo hoje em dia?

— Não faço ideia.

— O Beale dorme com ela — segredou Jaenelle. — Achas que o cutelo tem a sua própria caminha?

Encolheu os ombros. — Se eu fosse o Beale, não partilharia a minha cama com aquele cutelo. — Embora Beale pudesse pensar o mesmo quanto a Daemon partilhar ocasionalmente a cama com um felino de trezentos e cinquenta quilos.

— Têm relações sexuais — murmurou Jaenelle.

— Não. Não não não. Isso já é demasiado medonho para pensar. — Saltou da cama. — Anda. Vamos lá meter mãos à obra antes que um de nós se recorde de que somos adultos.

Jaenelle riu-se e aquele som argentino e aveludado levou as memórias desagradáveis que restavam, deixando somente a antecipação de uma aventura endiabrada.

...

Estavam a rir-se dele.

Nessa tarde, fora à livraria em Amdarh para passar algum tempo entre os da sua espécie, para lhes dar a oportunidade de reconhecerem quem era — e para ouvi-los elogiar o seu mais recente trabalho.

Os Sangue não o tinham reconhecido, não tinham reconhecido a importância de estar naquela loja. Quanto a elogiarem o seu livro mais recente...

Oh, tinham apreciado bastante a sua escrita quando julgavam que era um plebeu esperto que conseguia tecer uma boa história, mas

quando tentara mostrar-lhes quem realmente era, a verdade sobre o que era, tinham-se rido dele.

Landry Langston não era uma mera personagem numa história. Landry Langston era o próprio escritor. Um meio-Sangue criado por uma mãe plebeia. Um meio-Sangue que se tornara num homem com capacidades que bastavam para ser Sangue.

Não conhecia os costumes nem o Protocolo pelo qual se regiam, não sabia o que significava ser Sangue. Como poderia saber? Não crescera numa das suas estimadas povoações, não crescera rodeado por este bailado, como chamavam ao fluxo e refluxo constante de domínio que dependia de quem estava presente na sala. Ao invés de ser instruído ao longo da infância e da adolescência, como seria adequado, teve de pagar pelas informações respeitantes ao seu legado. Os “consultores” que contratara rapidamente aceitaram os marcos de ouro que lhes oferecera em troca de “pesquisa”, mas agora questionava-se acerca da exactidão das informações — e conjecturava se lhe teriam fornecido apenas o suficiente para que fizesse figura de parvo.

Quanto ao outro “consultor”... Bem, não podia confiar muito no que quer que viesse daquela mente.

Na livraria, tinham-se rido da representação que fizera dos Sangue, tinham-se rido dele. Ainda assim, no hotel tinham sido muito piores. No hotel, tinham demonstrado ter pena dele.

Graças às Trevas que não se tinha registado no hotel com o nome verdadeiro. Após a humilhação na livraria, não pretendia que ninguém tivesse conhecimento da sua estadia naquela cidade amaldiçoada. Por pouco não mudou de ideais acerca de revelar quem era quando os recepcionistas o reconheceram como membro dos Sangue. Porém, quando os olhou nos olhos e atentou nas frases cuidadosamente expressas... percebeu que julgavam ser um macho quebrado, alguém a quem tinha sido retirado tanto do seu poder que por pouco já não era um deles.

Tal não os impediu de ficarem com os marcos de ouro. Não, a ausência de poder não impedira nenhum deles de cobrar uma bela gratificação pela insignificância que estavam dispostos a partilhar.

Tal como este quarto. Se tivesse ficado num estabelecimento plebeu numa cidade próxima, conseguiria um quarto melhor por metade do preço. Contudo, desejava ficar num hotel que servia os Sangue. Para quê? O quarto que lhe fora atribuído não era diferente dos quartos em que já ficara nas cidades dos plebeus — na verdade, estava praticamen-

te destituído de quase tudo o que exigia o uso da Arte. De propósito. Pois não acreditavam que era capaz de ser semelhante a eles.

E não era capaz. Por enquanto.

Julgavam-se tão especiais, tão poderosos, tão superiores. Daemon Sadi, por exemplo. Encarregara-se de enviar pessoalmente ao Príncipe Sadi uma cópia do seu livro mais recente. O sacana nem sequer tivera a gentileza de escrever uma frase a confirmar a recepção do livro. E era óbvio que não lhe enviara o almejado convite para jantar.

E depois havia a Senhora Surreal. Ouvira falar dela. Quem não ouvira? Não passava de uma prostituta, mas podia ir a uma livraria e rir-se publicamente de um homem instruído por nenhuma outra razão a não ser por usar Jóias.

Existia mais do que um tipo de poder. Os Sangue faziam as leis e regiam o Reino, mas não eram todo-poderosos, não eram invencíveis. Um homem inteligente poderia derrotá-los e provar que era digno de atenção e de respeito.

Opondo uma capacidade contra outra, um homem inteligente poderia derrotá-los. Até ao mais poderoso.

E a própria Senhora Jaenelle Angelline tinha-lhe facultado uma forma de cobrir as pistas. Ficara um pouco transtornado quando julgara que lhe roubara a ideia, arruinando assim o cenário do próximo livro, mas agora isso significava que as pessoas poderiam confirmar que iniciara a nova história de Landry Langston antes da ocorrência dos trágicos acontecimentos.

Sim, havia mais do que um género de poder e possuía os meios para engendrar um enredo maravilhoso.

Proporcionaria aos Sangue a história que a família SaDiablo jamais esqueceria.

Pelo menos, os que permanecessem vivos.



## SEIS

— Não, criança-feiticeira. Não digo bu-uh-uh.

— Mas é para...

— Não! — Saetan bateu com os livros na mesa em madeira escura da biblioteca da Fortaleza. — Se desejas insultar quem somos, a decisão cabe-te a ti. Contudo, não contes com a minha participação.

Jaenelle fitou-o, atónita. — É só uma simples diversão.

— Diversão! — Engasgou-se na raiva, visto que não teria escape que não acabasse em destruição violenta. — Estás a transformar o que somos em objecto de zombaria e achas que é divertido? — Virou costas, à sua filha e à sua Rainha, e premiu os pulsos contra as têmporas enquanto se debatia para se controlar.

— Saetan...

Desnorteamento. Mágoa. Fora à Fortaleza para partilhar algo divertido e não estava preparada para que Saetan se virasse contra ela. Como poderia estar? O próprio Saetan não sabia se estava a repreendê-la como pai ou como anterior, e ainda officioso, Administrador.

Virou-se para a encarar e não soube se seria Jaenelle ou a Feiticeira que estava a contemplá-lo. Não importava. Diria de sua justiça.

— Somos Sangue, vigilantes dos Reinos. Advimos de várias raças mas já não fazemos parte delas. Temos a nossa própria cultura que abrange essas culturas raciais. Temos as nossas próprias leis, o nosso próprio código de honra que os plebeus não entendem e pelo qual não poderiam reger as suas vidas, ainda que tentassem. Governamos os

Territórios e controlamos as vidas de todos os plebeus que habitam nesses Territórios. Mas somos uma minoria, Jaenelle. Apesar da maneira por vezes brutal com que lidamos uns com os outros, raramente precisamos de libertar esse poder e fúria contra os plebeus pois somos temidos. Pois representamos um mistério que é olhado à distância. E agora vais transformar-nos numa rele diversão.

A voz embargou-se-lhe. Uma vida tão, tão extensa. Fizera tanto, de bom e de terrível.

— Permitindo que algumas crianças estipulem quem nós somos, tornas-nos num receio seguro e insignificante. Teias de aranhas e portas que rangem e sons esquisitos. Tornamo-nos num motivo de risota. Por isso, pergunto-te, Senhora. O que sucederá quando esses rapazes que nos acham engraçados se tornarem homens e sentirem que podem ignorar as leis estabelecidas para os plebeus? O que sucederá quando desafiarem os Senhores da Guerra que lá vão em nome das Rainhas que regem aquelas povoações? O que sucederá quando reunirem forças para atacar os Sangue e descobrirem como pode ser cruel — e completa — a chacina resultante das batalhas que travamos?

Um silêncio demorado. Por fim, Jaenelle disse: — Porque não levantaste o assunto quando ouviste falar pela primeira vez das minhas intenções? Nada disseste nas últimas semanas enquanto Marian e eu temos vindo a montar tudo.

— Não me competia dizer o que quer que fosse. E para ser sincero, foi um golpe muito duro por saber que foste tu, logo tu, a sujeitar-nos a tal opróbrio.

Outro longo silêncio. — As minhas desculpas, Senhor Supremo — disse Jaenelle, baixando a voz. — Não encarei a situação como o fizeste, não tive em conta as consequências caso as pessoas acreditassem de que tudo aquilo não se limitava ao faz-de-conta. Vamos fechar a casa. Acabar com tudo.

Abanou a cabeça. — Não podem. A ideia já ganhou asas e as notícias de que a Senhora Angelline — reparou que Jaenelle franzia o nariz — está a criar uma casa arrepiante como diversão outonal já se espalhou quer às povoações dos Sangue quer às dos plebeus. Estou certo de que Daemon e Lucivar te irão ajudar a controlar a multidão...

— Multidão? — Pareceu alarmada.

— E Daemon tratará das queixas das Rainhas que tenham de dar conta dos visitantes que inundem as povoações vizinhas.

— Queixas? Visitantes?

Cruzou os braços à frente do peito. — Estavas à espera do quê? De um punhado de crianças da povoação plebeia onde fica a casa?

— Bem... sim.

Doía-lhe o coração de amor e irritação. — Assim sendo, não tens ideia do que fizeste. — Com um suspiro, passou os dedos pelo cabelo. — Muito bem, criança-feiticeira. Vou conceder-te o som esquisito. Mas em troca, preciso de um favor.

Jaenelle inclinou a cabeça e aguardou.

— Algures na casa arrepiante, cria algo que demonstre a essas crianças quem somos e o que somos verdadeiramente, que lhes mostre o que os espera ao enfrentarem os Sangue.

— Considera-o feito.

— Vamos para uma sala que nos dê um pouco de privacidade.

Eram os únicos na biblioteca, embora Geoffrey pudesse regressar a qualquer momento.

Tinha o rosto a arder de vergonha ao dirigir-se à porta e tinha consciência de que, mesmo com o tom moreno-claro da pele, o rosto de Saetan estava visivelmente inflamado. Fá-lo-ia, não só por ter sido Jaenelle a pedir-lhe, mas por estar em causa a sensibilidade de outrem.

— Prometo, Papá. Ninguém irá saber que és tu — disse Jaenelle, parando junto à porta.

— Agradeço-te — respondeu com uma voz débil.

Olhou para Saetan. Depois olhou para a mesa atulhada de livros. Os seus lábios curvaram-se formando um sorriso endiabrado. — Se queres que continuemos a fingir que andas a organizar livros antigos sempre que aqui vimos conversar contigo, não devias bater com eles na mesa. Todos sabemos que não o farias se o livro fosse realmente antigo e frágil.

Saetan fechou os olhos e prometeu que não iria choramingar. — É do conhecimento de todos?

— Bom, acho que nenhum dos rapazolas conseguiu perceber, mas a assembleia toda sabe.

Que as Trevas tenham compaixão de mim.

— Anda, Papá. Vamos lá a esse bu-uh-uh.

...

Daemon prendeu a ponta da língua entre os dentes e mordeu com força para evitar dizer alguma estupidez.

Se surpreendesse o pai a ter relações sexuais — quando Saetan ainda estava apto fisicamente a ter relações — teria sido menos embaraçoso do que ouvir aquela voz a dizer “bu-uh-uh”.

— O que achas? — perguntou Jaenelle.

Fitando o audiocrystal no canto da secretária, Daemon mordeu a língua com mais força e contou até dez — por duas vezes — antes de dizer: — Soa ao Senhor Supremo.

Jaenelle examinou ao audiocrystal, visivelmente desapontada. — Não quero desperdiçar a qualidade da voz, ainda que tenha tentado modificá-la para que não o reconhecessem.

Não há nada que possas fazer para disfarçar essa voz, pensou Daemon.

De repente, pareceu arrebitar, pareceu mais confiante. — Obviamente que reconhecerias a voz, mas não é provável que outros a reconheçam. Pelo menos agora que foi sujeita a uma pequena alteração.

E foi nesse momento que Lucivar entrou no gabinete, com Daemonar ao colo e bem preso, o que indicava que já tinham discutido acerca dos locais do Paço onde o diabinho poderia correr à vontade.

— Não sei no que é que Marian está hoje a trabalhar, mas fomos veementemente aconselhados a sair de casa — disse Lucivar. — E aqui estamos nós.

\*Podemos levá-lo para o quarto dos brinquedos\* disse Daemon, num fio masculino Ébano-Acinzentado.

\*Tens lá escudos em barda e nada que se possa partir?\* perguntou Lucivar.

\*Oh, mas é claro.\*

— Bem, chegaram mesmo a tempo — disse Jaenelle, com um enorme sorriso para o irmão e para o sobrinho. — Oiçam isto.

— Bu-uh-uh.

Daemonar guinchou, debatendo-se para se libertar. — Vôvô! Vôvô!

Sem se atrever a olhar para quem quer que fosse, Daemon fitou os sapatos e começou a perceber o fascínio do pai pelo calçado.

Jaenelle suspirou. — Tudo bem. Vou ter que fazer umas modificações.

Lucivar estudou os dois e começou a recuar. — Nós esperamos no vestíbulo.

— Bu-uh! Bu-uh! — gritou Daemonar. — Vôvô, bu-hu!

Assim que Lucivar e Daemonar ficaram em segurança, do outro

lado da porta, Jaenelle disse: — Achas que o Daemonar se vai esquecer?

Nem pensar. — Claro que vai. É pequenino.

Jaenelle deu-lhe um beijo que continha a promessa de uma noite extremamente interessante e, depois, disse com tristeza: — Obrigada por mentires.

Pousou-lhe as mãos na cintura. — Não tens de quê. — Hesitou, mas uma curiosidade enervante fê-lo perguntar: — O que irias fazer se tivesse recusado?

Jaenelle olhou para Daemon e sorriu.

Sentiu um frio no estômago, provocando-lhe umas desapiedadas cócegas que se transformaram em pedras pesadas.

— Ora bem — disse a sua amada —, também tens uma belíssima voz grave. Por isso, se o pai recusasse, iria pedir-te a ti.

...

Saetan entrou na sala de estar onde pedira a Geoffrey e a Draca, a Senescal da Fortaleza, que fossem ao seu encontro.

— Meus amigos, esta garrafa de vinho chegou esta tarde, com os cumprimentos do Príncipe Sadi. Como veio da garrafeira do Paço, posso garantir-vos que é de uma colheita excelente, e que se aprecia melhor quando é partilhado.

Invocou três copos e abriu o vinho.

Draca manteve-se calada até Saetan lhe oferecer um copo. — O que estamos a comemorar?

Saetan sorriu de orelha a orelha. — O meu filho acabou de perceber o quanto o pai o ama.